

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS
ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO**

GIULIA PRADO CASTRO CORTÁZIO

**A ABDUÇÃO DO INDÍGENA: UMA INVESTIGAÇÃO DO FILME “A
CHEGADA” SOB A PERSPECTIVA DA COLONIALIDADE**

GOIÂNIA

2021

GIULIA PRADO CASTRO CORTÁZIO

**A ABDUÇÃO DO INDÍGENA: UMA INVESTIGAÇÃO DO FILME “A
CHEGADA” SOB A PERSPECTIVA DA COLONIALIDADE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador(a): Profa. Dr^a Aline Thereza Borghi Leite

GOIÂNIA

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

GIULIA PRADO CASTRO CORTÁZIO
A ABDUÇÃO DO INDÍGENA: UMA INVESTIGAÇÃO DO FILME “A
CHEGADA” SOB A PERSPECTIVA DA COLONIALIDADE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.
Orientador(a): Profa. Dr^a Aline Tereza Borghi Leite

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dr^a Aline Tereza Borghi Leite

Prof. Ms. Renzo Nery

Prof. Dr. Danillo Alarcon

*Snake Woman Daughter of the Night
traveling the dark terrains of the unknown
looking for the lost parts of herself
[...]
The destiny of
humankind is to be devoured by the Serpent
(Gloria Anzaldúa)*

*I want to write because I have the urge to
excel in one medium of translation and
expression of life. I can't be satisfied with the
colossal job of merely living
(Sylvia Plath)*

Senhoras e Senhores, olhai-nos.
Repensamos a tarefa de pensar o mundo.
E quando a noite vem
Vem a contrafação dos nossos rostos
Rosto perigoso, rosto-pensamento
Sobre vossos atos.

A muitos os poetas lembrariam
Que o homem não é para ser engolido
Por vossas gargantas mentirosas.
E sempre um ou dois dos vossos engolidos
Deixarão suas heranças, suas memórias

A IDEIA, meus senhores

Essa é a mais brilhosa
Do que o brilho fugaz de vossas botas

Cantando amor, os poetas na noite
Repensam a tarefa de pensar o mundo.
E podeis crer que há muito mais vigor
No lirismo aparente
No amante Fazedor da palavra

Do que a mão que esmaga.

A IDEIA é ambiciosa e santa.
E o amor dos poetas pelos homens
É mais vasto
Do que a voracidade que vos move.
E mais forte há de ser
Quanto mais parco

Aos vossos olhos possa parecer.
(Hilda Hilst)

AGRADECIMENTOS

É que com vocês todo dia fez verão, agradeço por me acompanharem nessa aventura um tanto quanto estapafúrdia. Pelo que fomos e pelo que podemos vir a ser, pelo que temos e pelo que pode nos faltar, eu proponho um brinde pela América Latina e seus fantasmas, a vocês meus amigos que me acompanharam por cada um dos mais de 800 dias nessa empreitada de se tornar uma jovem adulta, Ana Celina, Andrey, Clara e Patrícia foi, e sempre será, um prazer encontrar e reencontrar vocês nesse caos cósmico. Agradeço meus pais, irmãos e tias que, numa família matriarca, mesmo sem saber me esculpam em carrara feminista. Agradeço especialmente a minha professora orientadora Aline, imagino, possua muita fé na vida e isso inspira qualquer um, falo confiantemente. Agradeço extensamente a todos os meus amigos tão queridos que não imaginam que eles me amam especialmente, e lhes amo, afinal, meu jeito Dadá não é para qualquer boca, obrigada por seguirem firmes, me telefonarem só pra contarem que eu consigo. Agradeço especificamente a querida Giovana que me deu tantas de suas horas e caminhou em minha ponte. Agradeço a Pedro por me acompanhar nos meus momentos mais bonitos. Agradeço a minha banca examinadora por se doarem prontamente e me acompanharem em momentos de insegurança. Agradeço a você por me ensinar quais caminhos trilhar. Agradecimentos aqui seriam infinitos, tantos quantos valeram a pena por 23 anos de vida. Agradeço a cada inspiração, meus cães, meus amores e aos meus poetas. Agradeço a força de todas as mulheres que me permitiram estar aqui, agora. Tudo que atravessei, foi porque me ajudaram nessa cinematografia desesperada, obrigada Matilde, obrigada, é obvio, a mim, que nasce e morre e ressuscita. Um abraço forte para aqueles que como barco de Teseu, foram e ainda são, uma aventura tremenda.

RESUMO

Este trabalho investiga como a linguagem conduz a interpretação da facticidade individual perante o encontro de civilizações diferentes. Através das teorias pós-coloniais, a pesquisa apresenta prudência ao estudar o impacto das relações de poder colonizadoras por meio da linguagem, e os motivos que impulsionam o epistemicídio incluso no desenrolar deste processo. É feito um estudo para interpretar a imagética da colonização e o imaginário do colonizador em oposição ao do indígena, através da análise da película “A Chegada” (2016). Nessa, a produção de poder pela linguagem vem também pelo duplo pertencimento elencado na máxima antinomia de indígena/nativo - extraterrestre, onde os extraterrestres remetem simultaneamente à figura do colonizador e à do nativo. O filme explicita um exercício de sobreposição de nações em um esboço do que foi, e ainda é, projeto colonial, a despeito do fim da colonização. Assim como a narrativa do filme, o trabalho explora como as civilizações respondem ao desconhecido futuro, e à impregnação de reações violentas às incertezas que o acompanham. Entende-se também que a informação relativa à experiência tem hora e lugar delimitados, e como estão ligadas a aderência de uma cultura e o desconforto lascivo da cultura de não-origem. Por fim, percebe-se a presença da colonialidade do ser-saber e registra-se o caminho para o desmonte desta. Os resultados alcançados são basilares na ideia de elevar a episteme mestiça como fonte histórica para nova condução da realidade.

Palavras chave: Linguagem; Colonialidade, Pós-colonial; América Latina; Cinema

RESUMEN

Esta monografía investiga cómo el lenguaje conduce a la interpretación de la facticidad individual ante el encuentro de diferentes civilizaciones. A través de las teorías poscoloniales, la investigación presenta prudencia al estudiar el impacto de las relaciones de poder colonizadoras a través del lenguaje, y las razones que impulsan el epistemicidio incluido en el desarrollo de este proceso. Se realiza un estudio para interpretar el imaginario de la colonización y el imaginario del colonizador frente al indígena, a través del análisis de la película “A Llegada” (2016). En esto, la producción de poder a través del lenguaje también proviene de la doble pertenencia enumerada en la antinomia máxima de indígena / nativo - extraterrestre, donde los extraterrestres se refieren simultáneamente a la figura del colonizador y del nativo. La película explica un ejercicio de superposición de naciones en un esbozo de lo que fue y sigue siendo un proyecto colonial, a pesar del fin de la colonización. Al igual que la narrativa de la película, el trabajo explora cómo las civilizaciones responden al futuro desconocido y la omnipresencia de las reacciones violentas a las incertidumbres que lo acompañan. También se entiende que la información relativa a la experiencia tiene un tiempo y un lugar delimitados, y cómo se vinculan a la adhesión a una cultura y al malestar lascivo de la cultura del no origen. Finalmente, se percibe la presencia de la colonialidad del ser-conocimiento y se registra el camino hacia su desmantelamiento. Los resultados alcanzados son fundamentales en la idea de elevar la episteme mestiza como fuente histórica para un nuevo acercamiento a la realidad.

Palabras claves: Lenguaje; Colonialidad; Poscolonial; Latinoamérica; Cine

ABSTRACT

This work investigates how language leads to the interpretation of individual facticity in the face of the encounter of different civilizations. Through postcolonial theories, the research presents prudence when studying the impact of colonizing power relations through language, and the reasons that drive epistemicide included in the development of this process. A study is carried out to interpret the imagery of colonization and the imagery of the colonizer in opposition to that of the indigenous, through the analysis of the film “Arrival” (2016). In this, the production of power through language also comes from the double belonging listed in the maximum antinomy of indigenous/native - extraterrestrial, where extraterrestrials refer simultaneously to the figure of the colonizer and that of the native. The film explains an exercise in the overlapping of nations in an outline of what was, and still is, a colonial project, despite the end of colonization. Like the film's narrative, the work explores how civilizations respond to the unknown future, and the pervasiveness of violent reactions to the uncertainties that accompany it. It is also understood that information relating to the experience has a delimited time and place and how they are linked to the adherence of a culture and the lascivious discomfort of the culture of non-origin. Finally, the presence of the coloniality of being-knowledge is perceived and the path to its dismantling is registered. The results achieved are fundamental in the idea of elevating the mestizo episteme as a historical source for a new approach to reality.

Key Words: Language; Colonialism; Postcolonial; Latin America; Cinema

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

Figura 1	p. 53
Figura 2.....	p. 53
Figura 3.....	p. 64
Figura 4.....	p. 66
Figura 5.....	p. 68
Figura 6	p. 69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 PODER E LINGUAGEM NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: CONSTRUINDO DISCURSOS E REGIMES DE VERDADE	15
1.1 PODER E LINGUAGEM NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	15
1.2 PRODUÇÃO SIMBÓLICA CULTURAL E SUAS RELAÇÕES DE PODER	22
1.3 DISCURSOS E REGIMES DE VERDADES INVENTADOS ACERCA DO OUTRO	25
2 A COLONIALIDADE DO PODER E AS PERMANÊNCIAS DA COLONIALIDADE GLOBAL	28
2.1 A COLONIALIDADE DO PODER, DO SABER E DO SER	28
2.1.1 A CRÍTICA AO SUJEITO MODERNO	32
2.1.2 A COLONIALIDADE E A INVENÇÃO DO CAPITALISMO GLOBAL	33
2.2 RUPTURA EPISTEMOLÓGICA, TEÓRICA E POLÍTICA	35
2.2.1 CORPO E BINARISMO	38
2.3 A MODERNIDADE E A COLONIALIDADE: EXPRESSÕES DO DISCURSO COLONIAL EUROPEU	39
2.3.1 EXPANSÃO DO VALOR EUROPEU: NA IDEIA DO CORPÓREO – O PATRIARCADO	41
2.2.2 O BOM SELVAGEM: UM NATIVO <i>DOPPELGÄNGER</i>	45
3 O PAPEL DA LINGUAGEM NAS RELAÇÕES DE PODER: UMA ANÁLISE DO FILME “A CHEGADA”	50
3.1 O FILME SOB A ÓTICA ENCONTROS DE POVOS DISTINTOS E SUA TRANSPOSIÇÃO DA DUALIDADE.....	51

3.2 TRADUÇÃO E DUALIDADE: A PRODUÇÃO DO TERCEIRO ESPAÇO.....	56
3.2.1 UMA SOBREPOSIÇÃO: DO QUE O HOMEM BRANCO TEM MEDO?.....	60
3.3 DENTRE A RAÇA HUMANA, O SEXO MAIS FRÁGIL – A MULHER; DENTRO DAS CIÊNCIAS, A MAIS DESVALORIZADA – AS HUMANAS.....	64
CONCLUSÃO	72

INTRODUÇÃO

Tão importante quanto falar, é falar para ser escutado. Sendo a cultura uma construção social e a linguagem tangente, ambas versadas em poder, o estudo se volta para o que poderia ser constituído como linguagem cultural e sua relação com o outro. A linguagem sendo também um produto do trânsito cultural, será um meio pelo qual o poder daquele tempo, espaço, objeto e sujeitos serão registrados como únicas versões. Isso implica que a linguagem universalista, que tenta traduzir apenas palavras e não seu significado, opera função de poder, pois construída durante a interação, sobrepõe uma dominância factual de um sobre o outro.

A vista de que o homem quando nasce o faz em um mundo pronto, com códigos específicos e, sendo ele também um fenômeno melhor analisado desse ponto de vista durante a modernidade, o ser se apresenta ao mesmo tempo como causa da modernidade e efeito dessa, um objeto do conhecimento que finalmente se volta para si (apesar dessa produção ser também fruto do conhecimento ao qual dispõe para se aferir). É possível, a partir disso, traçar um caminho para compreender que a linguagem, assim como o sujeito, é constituída pelo ser e concomitantemente na relação da constituição deste. E mais, entender a relação do nascimento desse sujeito e o atravessamento de sua influência na perspectiva de categorização humana em raças durante o “descobrimento” de um continente dotado de impérios centenas de anos antes.

A ideia é verificar se a linguagem pode ser um símbolo da relação de civilidade, a partir do audiovisual. Incorporado na perspectiva cinematográfica, em consenso com o tema proposto, segundo o trabalho de Shohat e Stam (2006), observa-se especificamente, dentro da própria fala - linguagem e tradução - um poder hegemônico sendo exercido. No cinema, campo cultural influente, existem subjugações sutis que uma vez notadas não desacorçoam, e um exemplo notado pelos autores é que quando um sujeito de nacionalidade periférica ativo, oriental, mestiço, etc.) possui falas, estas não são traduzidas, ou sequer legendadas. A perspectiva de regimes de verdade, cristalizando fatos como universalidades, manteve a colonialidade a pleno vapor no acervo cosmológico do não-europeu.

Sobre a construção despassada do que é realidade, filmes corroboram fazendo narrativas em forma de abstrações para a sociedade de maneira mais geral, é interessante notar, portanto, como a cultura popular dá contorno ao que pressupomos ser a nossa realidade. A exemplo, o próprio “inglês mal falado” (*broken english*) pode classificar uma pessoa bilíngue como inferior a um monolíngua que tem a língua inglesa como língua mãe.

O filme objeto de estudo deste trabalho, *A Chegada* (2016), se compõe numa versão narrada pela lente de uma unidade da força de inteligência norte-americana, filtrando toda a informação sobre a verdade e, portanto, pintando uma perspectiva da história contada em contraste com a personagem Dra. Louise e sua interferência na dinâmica desse cenário preeminente. No mais, relaciona a forma como as emoções humanas são tratadas em diferentes espectros sociais e a realidade do comportamento da nossa modernidade tribal.

Por isso, desmembrando a analogia sugerida na sobreposição dos atores centrais do filme, os extraterrestres e a raça humana, na condição representativa do que foi a colonização e suas relações tecidas entre nativos e colonizadores europeus, evidenciam-se dois raciocínios: o primeiro na locação do colonizador como extraterreno, ou seja, aquele que não pertence àquela terra. No segundo raciocínio, pelo contrário, o travestimento de alienígena é sobreposto no nativo, compreendendo suas peculiaridades diante do olhar hegemônico europeu que ainda domina o imaginário da atualidade.

Como essa imagem atravessa e rabisca o indígena, é um desdobramento que analisa também o olhar do colonizador: que não parte da alteridade do outro, um outro que não é sujeito, e a transferência ou incorporação desse olhar de registro como uma verdade, é feita uma análise acerca das relações de poder das minorias encaixadas dentro do filme como crítica às relações da realidade, sendo elas espelhadas na nossa realidade material.

De forma categórica, todo esse emaranhado cria análises importantes para repensar a história contada da formação do mundo. Nesse sentido, este trabalho se sustenta em autores que estudam a desconstrução da ideia do Ocidente como dominante perene na História dos grandes impérios, autores esses geralmente advindos de grandes nações eclipsadas pelo destino colonizador de um capitalismo global, insaciável, faminto e reformador.

O projeto demandou uma análise através da metodologia qualitativa, portanto, teve como finalidade a realização de um estudo com o objetivo de compreender a função da linguagem enquanto ferramenta, especificamente no encontro de culturas díspares. Ademais, o apanhado da arte de autores e do próprio filme, com análise de figuras que exploram desde a imagem até roteiros empregados no filme, fornecem esteticamente maior compreensão da investigação exposta.

No primeiro capítulo é feito um resgate teórico de autores que pensam a linguagem em si, e a linguagem enquanto campo de construção de cultura e poder. Posteriormente, o conceito de cultura é discutido revigorando debates clássicos acerca de civilizações e da própria noção de realidade do ser. Já no segundo capítulo é tratado mais enfaticamente a ideia de

Colonialidade do ser, observando seus efeitos nefastos como aporte do capitalismo global. Em última instância fica passível de análise completa a obra *A Chegada* (2016) em congruência com as obras elencadas anteriormente e seus teóricos.

1 PODER E LINGUAGEM NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: CONSTRUINDO DISCURSOS E REGIMES DE VERDADE

Neste capítulo serão tratadas questões de amplitude alinhadas a linguagem como parte da construção material de realidade. Especificamente autores como Michel Foucault e Wittgenstein, oferecem aportes teóricos atrativos a ideia de análise da linguagem em compartimento de poder. Isso porque ambos os autores correlacionam a linguagem as suas bases primordiais, tais como origem do sentido e propriedades simbólicas para além do convencional.

Além do descrito acima, o capítulo aborda a própria noção de realidade, sendo esta sublocada a condição de posterior aquilo que conseguimos expressar como consciência, mesmo que, observado de perto sejamos produtos também de outra realidade já pensada por outro alguém. Isso é exatamente a tipificação que esta pesquisa se dispõe a desdobrar: o que é a realidade se não algo pronto ao qual eu devo me enquadrar?

Estariam todos os sentidos, tão diversos quanto a capacidade neurológica da mente indecifrável mesmo para os cientistas, podem se dispor? O que a mente produz é já produto de algo. Por isso o capítulo se debruça sobre culturas e suas relações, ademais, sobre o poder impresso desde o tipo de contato exercido num encontro de civilizações diferentes, até a narrativa histórica criada a partir de documentos perpassados por poderes e seres desejanter.

1.1 PODER E LINGUAGEM NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Discursos servem como dispositivos de poder e são replicados a cada interação de sujeitos, como que milimetricamente planejado, se espalham sobre e através do ser, da sua linguagem e cultura. Logo, é dever nosso investigar a linguagem em posição de um dos discursos de produção de verdade, entender como, por que e para quem serviu o poder é compreender a correlação da história colonizadora do passado com a do presente. O poder das palavras se apresenta muitas vezes como fruto da habilidade de passar-se tanto despercebido quanto enraizado, nutre e ramifica-se nas relações interpessoais com tamanha devoção que está sempre presente.

Ao entender como se constroem discursos e esses se tornam regimes, se fez necessário operar sobre a crítica da verdade absoluta, mais ainda, os acontecimentos contados intermediados por formas poderosas que se recompensaram com o estabelecimento de tais fatos. Um dos agentes de maior interesse é o que está contido tanto como protagonista da colonização quanto como mantenedor do poder hegemônico ocidental através da linguagem: o sujeito moderno.

um discurso é investido historicamente de um teor verdadeiro, porque cumpre com uma funcionalidade específica, qual seja, produzir efeitos de poder estatuidando regras para o governo das pessoas, dividindo-as, examinando-as, adestrando-as, sujeitando-as (CANDIOTTO, 2006, p. 70).

Esse, o qual tem sua investigação assim denominada nos estudos de Immanuel Kant, o sujeito transcendental, famoso por operar com a razão parece quando esmiuçado, ter entendido como a paixão tem aporte violento para mover ações, e paixões essas são usadas pelo poder enredado que arremata o corpo físico e mental dos homens. Edward Said (2011) constata ainda a forma avassaladora de se fazer domínio durante a Colonização europeia, roubando a própria noção de ser daqueles colonizados. Tudo se instaura num momento “berçário” do capitalismo mundial e é, portanto, em nome dele, mas não apenas através do capital, que se operou tantas atrocidades. Foi como o homem iluminado chamaria, através do dever de civilizar os menos humanos, um dever da razão desse:

Havia um comprometimento por causa do lucro, e que ia além dele, um comprometimento na circulação e recirculação constantes, o qual, por um lado, permitia que pessoas decentes aceitassem a ideia de que territórios distantes e respectivos povos deviam ser subjugados e, por outro, revigorava as energias metropolitanas, de maneira que essas pessoas decentes pudessem pensar no *imperium* como um dever planejado, quase metafísico, de governar povos subordinados, inferiores ou menos avançados [...] o empreendimento imperial depende da ideia de possuir um império, [...] numa cultura fazem-se preparativos de toda espécie para isso; aí o imperialismo, por sua vez, adquire uma espécie de coerência, forma um conjunto de experiências, com a presença tanto do dominante quanto do dominado dentro da cultura. (SAID, 2011, p.34).

Ainda contido na filosofia Kantiana, é de interesse pesquisar sobre o conhecimento como produção individual, logo, quase intransitável por palavras ou códigos. Nessa visão, o que se pode transmitir são apenas informações, o científico seria o que se pode refutar, a verdade é aquela que se pode criticar e a mentira, por consequência, o que não se tem margem à crítica. O trabalho se estende, pois, à crítica da própria verdade como fenômeno inefável.

Como poderia uma linguagem ser natural? Noam Chomsky se debruça no estudo da linguagem, seus signos e suas possibilidades universais densamente. Para ele, a linguagem ainda é um campo de fascínio pela simples façanha de ser obscura em muitas partes para o homem. Segundo ele: “há algo nas crianças humanas que faz com que elas adquiram a língua de seus pares. E é um sistema muito rico, extremamente rico. Elas não tentam, elas não podem impedir que aconteça, não podem fazer acontecer” (CHOMSKY, 2016).¹

O que resta de direção para o questionamento na pesquisa é o que dita as regras do jogo da linguagem. O poder genuíno dá largada antes dos homens que o pronunciam, visto que o

¹ Noam Chomsky - O Conceito de Linguagem. [S. l s n] 2016. 1 vídeo. Publicado pelo canal Think About It Now! (27:43 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W53UvJoLAWI> . Acesso em 10, outubro 2021.

sujeito como o emolduramos já é produzido. Seu local é também anterior à linguagem em si. Por isso, o discernimento entre as camadas da trinca sujeito, linguagem e poder parece ser a chave para compreender basilarmente esta pesquisa.

Como nosso sistema nervoso central — e principalmente a maldição e glória que o coroam, o neocórtex — cresceu, em sua maior parte, em interação com a cultura, ele é incapaz de dirigir nosso comportamento ou organizar nossa experiência sem a orientação fornecida por sistemas de símbolos significantes (GEERTEZ apud LARAIA, 2001, p.61).

O ser moderno tem vazão no apogeu do Ocidente bem armado com auto projeções espetaculares de si mesmo. O pai do sujeito transcendente, Immanuel Kant (1784), se dispunha sobre uma pesquisa a respeito do conhecimento e suas categorias. Numa reconfiguração sobre a própria forma de se fazer Filosofia, que até então ainda parecia afincada nos gregos funcionalistas, a qual se percebia uma coisa pela sua finalidade e não pelo que ela é, Kant se ergue apontando para o outro lado, não para fim das coisas, mas para seu começo. É, pois, Immanuel Kant quem “[...] delimitara o alcance do conhecimento às formas à priori da sensibilidade e às categorias à priori do entendimento” (CANDIOTTO, 2006, p. 65). O estudo Kantiano (1784) demonstra como a análise à priori corresponde de forma mais próxima à racionalidade e sensibilidade do ser humano sensato.

Em seu texto a Procura da Resposta: O que é o esclarecimento? (*“Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?”*, 1784), Kant discorre sobre a comodidade de não obter autoridade sobre o conhecimento e a razão e, portanto, permanecer preso à menoridade, sendo essa definida como: “a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 1784, p.101). É identificado que um ser que se acomoda a não pensar por si próprio e jamais escapa da menoridade cria, na visão do autor, “amor a ela, sendo por hora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder” (KANT, 1784, p.102).

Da mesma forma que é incômodo e hostil para o homem o encontro com a sua liberdade fora de qualquer sombra de menoridade, para além desse evento marcado, o decorrer de uma vida nesse processo se complexifica. É justamente aqui que se chocam o pensamento sobre a problemática da verdade que Michael Foucault reflete acerca da Crítica da Razão em Kant, pois para o primeiro se qualifica uma investigação arqueológica sobre a história do pensamento, que tem a função de investigar a constituição e a modificação da relação tecida entre seres e objetos assim como seus relacionamentos, todos em si como discursos próprios que se produzem à medida que existem. Isto é, para Foucault (Apud CANDIOTTO, 2006, p. 67-8):

Supondo que a problemática da verdade esteja inserida na história crítica do pensamento, infere-se que aquilo normalmente é reconhecido como verdadeiro não está no objeto (ele não preexiste, não é dado, torna-se tal numa articulação específica)

nem no sujeito (ele não é uma essência, não é originário, torna-se assim nas práticas em que é tomado); tampouco na adequação entre um e outro (já que não são unidades fixas e determinadas), mas nas articulações históricas de sua mútua modificação e constituição.

Mesmo que para Kant e Foucault o conhecimento tenha depósitos em fontes diferentes (à priori ou na relação), é interessante notar que para ambos a liberdade do pensamento pode personificar opção emuladora para o sujeito que o faz. Daí é implicado por Foucault que: “pensar é um modo de agir, um agir perigoso que assume riscos, afeta ou resiste, fere ou reconcilia” (Apud CANDIOTTO, 2006, p. 66). O poder contido no conhecimento e na razão do sujeito, seja qual for, é intrincado com poderes que o perpassam e continuam a caminhar através desse, se perpetuando em novas relações tecidas.

A Aufklärung é reativada por Foucault ao modo de prática histórico-filosófica. Trata-se de indagar até que ponto os discursos de verdade sobre o indivíduo, elaborados pelas ciências humanas e pela filosofia, são indissociáveis de mecanismos constringentes de poder e de sujeições determinadas (CANDIOTTO, 2006, p.76).

A análise de Foucault sobre o fenômeno do homem moderno não necessariamente contradiz o pensamento de Kant, mas demonstra que a própria invenção do sujeito transcendental foi uma verdade estabelecida com poder cristalizador sobre o homem naquele período, portanto: “Foucault não nega a constituição de uma verdade sobre o homem, tal como ele foi objetivado na Modernidade; o que nega é que em outras épocas outras verdades pudessem ser atribuídas a respeito desse mesmo objeto” (CANDIOTTO, 2006, p.68).

É entendível que discursos são feitos dos mais variáveis objetos de estudo. A linguagem como campo de lealdade coletiva também é servil ao campo da projeção de poder. Por isso, explorar um fenômeno cristalizado procurando em suas irregulares camadas a força motriz do regime é o que se pretende ao analisar a linguagem como um desses discursos de poder. Nessa monografia a linguagem serve de estudo justamente porque é através dela que se estabelecem os principais vínculos culturais entre diferentes sociedades, sendo ela ponta da flecha da comunicação. Para compreender o poder e suas artimanhas replicadas na realidade material, a filosofia também se debruça sobre a linguagem.

Num estado do campo em que se vê o poder por toda parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido (BOURDIEU, 1989, p. 7).

Dentre os importantes teóricos da linguagem está Ludwig Wittgenstein, que consegue ampliar o conceito da linguagem atrelada à ideia aqui desdobrada. Em primeiro lugar é preciso considerar a fonte da retórica utilizada pelo autor, porque sua crítica baseia-se também anteriormente numa definição dada por Santo Agostinho. Para Wittgenstein (1999), a apresentação acerca do que é a linguagem contida nas Confissões de Santo Agostinho trata apenas de uma parcela do conceito em sua totalidade, é insuficiente, não errônea, mas faltosa.

Isso porque ela se dedica a um modelo de linguagem exclusivamente, sem levar em consideração as regras apreendidas pelo jogo da linguagem. A confissão em questão se enuncia assim:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos² (AGOSTINHO apud WITTGENSTEIN, 1999, p.27).

O que Wittgenstein explica nas primeiras páginas de sua obra é que o modelo descrito se trata de algo que já tem a priori uma linguagem, seja de alguém que fala consigo mesmo, seja uma linguagem estrangeira, qualquer que seja, se dá por algo que preexiste, pois:

E agora podemos dizer, creio: Santo Agostinho descreve o aprendizado da linguagem humana como se a criança chegasse a um país estrangeiro e não compreendesse a língua desse país; isto é, como se ela já tivesse uma linguagem, só que não essa. Ou também: como se a criança já pudesse pensar, e apenas não pudesse falar. E "pensar" significaria aqui qualquer coisa como: falar consigo mesmo. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 39).

O modelo curioso que o autor utiliza tem compreensão altamente ilustrativa, servindo centenas de exemplos, dá forma, conteúdo e lição ao leitor, talvez por seus anos atuando como professor de pequenos. É acerca da incompreensão da linguagem em sua totalidade máxima que o professor se debruça a seguir. Em um dos exemplos fica claro como a categoria número é por vezes um forte exemplo do porquê a linguagem apreendida por Santo Agostinho não é inefável. No exemplo utilizado por Wittgenstein um numeral é usado, e este não possui prova alguma de significado latente, apenas de um tipo de forma apreendida para ser usado:

[...] mando alguém fazer compras. Dou-lhe um pedaço de papel, no qual estão os signos: "cinco maçãs vermelhas". Ele leva o papel ao negociante; este abre o caixote sobre o qual encontra-se o signo "maçãs"; depois, procura numa tabela a palavra "vermelho" e encontra na frente desta um modelo da cor; a seguir, enuncia a série dos numerais - suponho que a saiba de cor - até a palavra "cinco" e a cada numeral tira do caixote uma maçã da cor do modelo. - Assim, e de modo semelhante, opera-se com palavras. - "Mas como ele sabe onde e como procurar a palavra 'vermelho', e o que vai fazer com a palavra 'cinco'?" - Ora, suponho que ele aja como eu descrevi. As explicações têm em algum lugar um fim. - Mas qual é a significação da palavra "cinco"? - De tal significação nada foi falado aqui; apenas, de como a palavra "cinco" é usada (WITTGENSTEIN, 1999, p.28).

² SANTO AGOSTINHO, nas Confissões, 1/8: *Cum ipsi (majores homines) appellabant rem aliquam, et cum secundum eam vocem corpus ad aliquid movebant, videbam et tenebam hoc ab eis vocari rem illam, quod sonabant, cum eam vellent ostendere. Hoc autem eos velle ex motu corporis aperiebatur: tamquam verbis naturalibus omnium gentium, quae fiunt vultu et nutu oculorum, ceterorumque membrorum actu, et sonitu voeis indicante affectionem animi in petendis, habendis, rejiciendis, fugiendisve rebus. Ita verba in variis sententiis locis suis posita, et crebro audita, quarum rerum signa essent, paulatim colligebam, measque jam voluntates, edomito in eis signis ore, per haec enuntiabam.*

Ou seja, o numeral é encaixotado como um instrumento (que é a palavra cinco) para demonstrar um comando, e seu possível significado nunca é verdadeiramente explorado. O pensamento desconcertante de Wittgenstein tem ponto de encontro com o pensamento desestruturante, em seu sentido selvagem, dos outros autores combinados neste trabalho. É justamente por essa perspicácia que o autor e sua filosofia da linguagem são utilizados, visto que, provoca o interceptador a repensar criticamente análises fundamentalmente feitas de forma incompleta, pois é essencialmente a propósito disso que a pesquisa se cerca.

Isso porque, denota claramente a importância da forma e a sublocação do sentido dentro da linguagem, e o mesmo pode ser observado diante de eventos de encontro de civilizações ímpares. O elucidado escala dentro do tema circundado aqui pois culmina na distribuição de poder camuflado congruente à linguagem. Portanto, o esvaziamento de significados importantes para o repertório cultural de uma nação pode ser uma forma mais à paisana de etnocídio, o que esclarecerá este trabalho adiante, vem a se chamar: epistemicídio – a morte de um povo pelo sepultamento de sua cultura e seu status quo.

Exatamente por isso, o método arqueológico bebido em Foucault é apreendido, para que outras perspectivas sejam colocadas na mesa, perspectivas essas que tratem a realidade do poder impresso nas palavras e nas formas, coisa tal fundamentalmente evidenciada por ambos os autores ao tratar de linguagem. A proposição é atendida ao indicar, no exemplo assinalado acima, onde a forma do numeral é iluminada ao contrário do seu significado real ou natural, e a partir disso que se faz questionamentos.

É possível evidenciar então que a linguagem é fruto de um poder que ordena e organiza sujeitos e seu modo de pensar, porque ele pensa conversando consigo mesmo e com os outros, sem sequer perceber sua vulnerável participação num jogo ao qual fora inserido e o usa até mesmo para seus pensamentos íntimos, local deveras habitado pela privacidade. Para os criadores da obra intitulada como “Construção social da realidade”, Berger e Luckmann (2003), a interação é forjada para além do outro. Portanto, se é possível a leitura desta monografia, é porque existe um mundo construído socialmente, que está se atualizando a cada interação, como por exemplo a escrita e leitura deste trabalho. Os autores elucidam que:

Falo como penso e o mesmo faz meu interlocutor na conversa. Ambos ouvimos o que cada qual diz virtualmente no mesmo instante, o que torna o contínuo, sincronizado e recíproco acesso às nossas duas subjetividades, uma aproximação intersubjetiva na situação face a face que nenhum outro sistemas de sinais pode reproduzir. Mais ainda, ouço a mim mesmo à medida que falo. Meus próprios significados subjetivos tornam-se objetiva e continuamente alcançáveis por mim e *ipso facto* passam a ser mais reais para mim (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 57-8).

Ou seja, já que a realidade não existe por si só num mundo “lá fora”, ela precisa de outros artifícios. A interpretação do sujeito, por exemplo, serve de apêndice para a realidade se concretizar. Moldando ideias longínquas ou particulares, a linguagem também é uma forma de concretar o que é real, mas é através dessa que se transita e transmite tais elucidações. Isso implica, portanto, que ela pode ser operada para silenciar e apagar algumas realidades indesejáveis, dando corpo ao chavão “o que os olhos não veem, o coração não sente”.

Se a linguagem é entalhada de poder, é produto e produtora desse e o sujeito a utiliza inclusive para tratar-se consigo mesmo, logo, o poder se reproduz dentro da sua própria relação pessoal, e nela reproduz o predicado embolsado dentro de si. Na obra³ classificada algumas vezes como um dos melhores filmes da humanidade, dotada de conteúdo altamente existencial onde a personagem principal fica muda o filme inteiro, Ingmar Bergman encara com maestria o dilema da realidade tracejada por ideias, e no filme conta a história de uma atriz que decide parar de existir, e para isso, deixa de falar. Num monólogo da antagonista é exposto:

Eu entendo muito bem. O inútil sonho de ser. Não parecer, mas ser. Estar alerta em todos os momentos. A luta: o que você é com os outros e o que você verdadeiramente é. Um sentimento de vertigem e a constante fome de finalmente ser exposta. Ser vista por dentro, cortada, até mesmo eliminada. Cada tom de voz, uma mentira. Cada gesto, falso. Cada sorriso, uma careta. [...] A realidade é diabólica. Seu esconderijo não é à prova d'água. A vida engana em todos os aspectos. Você é forçada a reagir. Ninguém pergunta se é real ou não, se é sincera ou mentirosa. Isso só é importante no teatro. Talvez nem nele. *Persona* (BERGMAN, 1966).

Wittgenstein (1953) segue se aprofundando no tema da linguagem e destaca a relação entre o objeto e seu significado entendendo que são regrados por abstrações, ou seja, o significado não é reflexo do objeto, mas sim das regras que o ser ou sujeito ou objeto ou discurso utiliza para que as palavras sejam inseridas na vida e, então, sirvam para o objeto. Notadamente, o significado muitas vezes é contornado ou substituído pelo ideário de um poder dominante. Durante a colonização europeia na América puderam ser vistos inúmeros exemplos de sua apropriação para redistribuição de poder. O astuto pesquisador brasileiro acerca da Filosofia da linguagem explica acertadamente, sobre Wittgenstein, as palavras e seus signos, João Virgílio Cuter:

A determinação dos nomes logicamente simples e dos objetos designados por esses nomes só pode ser um apêndice da lógica, nunca o seu prefácio. Eles devem ser descobertos, e não inventados. Devem ser revelados, e não antevistos. Sabemos de antemão que os objetos têm uma certa ordem categorial, que permite certas combinações, e exclui outras. Mas não sabemos que combinação é essa, nem podemos saber, antes de termos chegado ao final do processo de análise. (CUTER, 2009, p.137).

³ PERSONA. Direção: Ingmar Bergman, 1966. 1 DVD

Isso vai de encontro com o pensamento de Foucault que rompe a identificação da linguagem como apenas símbolos para expressar o mundo sensível kantiano, mesmo que dotado de sentido do mundo subjetivo, o sujeito transcendental apesar de importante não explica o que dá vida ao sentido, visto que ele nasce em um mundo pronto. O sujeito teria então condição de começar algo novo, no entanto, seria sob a égide das regras estabelecidas.

Dentro das RI, a relação de poder da tradução, ou seja, a arte de se compreender pela linguagem o comum entre culturas distintas, se percebe dentre os vários artifícios de domínio da retificação de verdade. No caso da análise desta monografia, o contato entre civilizações diferentes foi fenômeno frutífero para a interpelação da abdução da visão de mundo do dominado, e a seguinte substituição desta por ideais europeizadas, que dão frutos até hoje. No filme de Villeneuve (2016), dissecado mais adiante, temos a prestigiada professora de linguística e protagonista, Dra. Louise, narrando que: “A linguagem é a base da civilização. É uma cola que mantém as pessoas unidas e é a primeira arma apontada em um conflito”⁴ (A Chegada, 2016). A linguagem foi artifício utilizado em várias situações de subjugação do outro, como será visto adiante, mesmo na era da modernidade, onde se aflorou o imperialismo e seus filhos. O sujeito moderno se distancia mais ainda de qualquer outro, chegando a tipificar humanos em raças e sua cultura como à margem de um precipício ao qual o bom homem das luzes deveria salvar.

1.2 A PRODUÇÃO SIMBÓLICA CULTURAL E SUAS RELAÇÕES DE PODER

Tudo observado leva a crer que a nossa linguagem não é universal justamente porque não é inata, pelo menos não como a construímos culturalmente. No estudo acerca do encontro de culturas diferentes, vários fenômenos são registrados, mas existe uma tendência de maquinação (mesmo que apenas interna) de superioridade cultural. Seguindo esse fluxo, no segundo capítulo deste trabalho é demonstrado que em um caso como este, os nativos ameríndios tiveram seu sistema cultural desconfigurado pelos brancos etnocentristas na conquista da América. Para Pierre Bourdieu, um contemporâneo de Foucault, famoso pelo estudo voltado para as transgressões do poder em meios culturais, (1989, p.10) “a cultura dominante contribui para integração real da classe dominante assegurando a comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes”. A relação de poder que está entre a linguagem e a cultura, geralmente, expõe sua torrente massificação e destruição.

⁴ Language is the foundation of civilization. It is a glue that holds people together, and it is the first weapon drawn in a conflict.. (Arrival, Villeneuve, 2016).

O Ocidente vem se travestindo como patrono do direito universal, agraciado em meio às suas políticas de conhecimento cultural, assume novas teorias para tentar revisar o problema criado pela dicotomia do eu e do outro, no caso o sujeito/eu referenciado no colonizador. Em todo o processo histórico de imperialismo e colonialismo foi amadurecido e incrustado na base da produção teórica científica conceitos particularmente brancos a respeito dos não brancos. É o que a autora Gurminder K. Bhambra (2006) estuda, evidenciando que as teorias tanto modernas quanto pós-modernas não conseguem dar conta da revisão teórica necessária para se pensar cultura, direito e identidade. Esse poder sobre a cultura molda o próprio modelo universalista baseado no Ocidente (etnocêntrico e reducionista), e apaga a construção de outros pensamentos. Por isso, sem meias palavras, para a autora, a necessidade vigente é a de uma reconfiguração teórica por inteiro da metodologia em uso, pois tal estabeleceu um binarismo estrambólico de certo e errado. Isso é inicialmente fabricado pelos Pós coloniais:

[...]a questão do 'outro' não é resolvida simplesmente adicionando 'eles' a 'nós' - deve-se reconhecer que o 'adicionar a' altera fundamentalmente o paradigma inicial no qual havia um 'nós' e um 'de outros'. A contestação cultural, em que 'adicionar' não 'soma', cria a possibilidade de estabelecer novas formas de significado e, ao fazê-lo, rompe a generalização implícita do conhecimento e a homogeneização da experiência que se mostrou constitutiva de ambas as formas modernas e teoria social pós-moderna (BHAMBRA, 2006, p. 39)

A definição de cultura permeia uma associação de relativos símbolos e práticas sociais, ou seja, um elo de sistemas em comum e seus simbolismos. Para Van Ham, “nessa formulação, as identidades são vistas como fronteiras cognitivas baseadas em um senso exclusivo de pertencimento ao qual alguém pertence ou não pertence” (apud BHAMBRA, 2006, p.32, tradução nossa)⁵.

Como demonstrado anteriormente, a ideia de que existe verdade única, universal e constante é falsa, visto que, no estudo de fatos, esses são reduzidos a camadas cristalizadas que condizem com campos de saberes aglutinados em forma de única versão, tanto que chegam a ser passíveis de crença geral e assinalada pela sociedade geral como verdade universal, ignorando qualquer outra contextualização de sujeito no espaço tempo. Em última instância, o poder de tutorar o direito universal que o ocidente exprime é proveniente da ideia de ter o dever de impor ao outro subjogado à sua própria ideia de verdade. Em forma de única versão correta, o imperialismo e o colonialismo registraram tamanha subjugação do diferente que forjaram uma verdade para o outro.

⁵ In this formulation, identities are seen as cognitive boundaries based on an exclusive sense of belonging in which one either belongs or does not belong (Van Ham, 2001).

O que quer que seja que a antropologia moderna afirme — e ela parece ter afirmado praticamente tudo em uma ou outra ocasião —, ela tem a firme convicção de que não existem de fato homens não-modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram e, o que é mais importante, não o poderiam pela própria natureza do caso (GEERTEZ, 2008, p 26).

Ao contrário do fato, a verdade aqui tratada é a que se resigna em regimes produzidos por discursos reverberadores da função de poder. Sobre a verdade: “O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimentos passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente” (GEERTEZ, 2008, p. 14). A verdade é produzida, por isso, pode não ser universal.

A técnica da tradução, por exemplo, é em si, mais antiga que a discussão da ciência de como fazê-la e por ser um tema extenso não é um processo provido de consenso na sua definição. Apesar disso, Depecker (2011, p. 81) afirma que traduzir é o ato de “estudar o valor de um elemento dentro de um sistema”. Ademais, no século XX a tradução se oficializou como área acadêmica do estudo de linguagem. Se a tradução é feita dotada tanto de sentido quanto de significado (valores duplos) ela é muito mais que um sistema intrincado em um processo uniforme e, assim como a linguagem, precisa de interceptadores.

Em relação a cultura e a língua ainda podemos inferir como Bourdieu que: “dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une é também a cultura que separa e que legítimas distinções compelindo todas as culturas a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 1989, p. 11). Na sobreposição de um sobre o outro, dentro do “Descobrimento” da América desenrolou-se a fabricação da ideia de raça, Bhambra comenta que: “historicamente, as ideias de raça foram usadas para estabelecer diferenças entre grupos sociais, a categorização dos seres humanos agora mais frequentemente sob a terminologia de etnia (s) e cultura (s)” (2006, p. 33, tradução nossa). O sujeito que vive dentro da cultura de poder é também replicador dela, mesmo que inconscientemente:

O fato de ser errônea a teoria do ponto crítico (pois o desenvolvimento cultural já se vinha processando bem antes de cessar o desenvolvimento orgânico) é de importância fundamental para o nosso ponto de vista sobre a natureza do homem que se torna, assim, não apenas o produtor da cultura, mas também, num sentido especificamente biológico, o produto da cultura. (GEERTEZ, apud LARAIA, 2001, p. 30).

É interessante, portanto, se virar para outros campos de saberes além de documentos oficiais registrados em época, no passado ou no presente, produzidos sob as lentes de uma hegemonia, em que a própria validação da academia serve por base para legitimar discursos outrora violentos.

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o

passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. [...] a maneira como formulamos ou representamos o passado molda nossa compreensão e nossas concepções do presente. (SAID, 2011, p 36).

A ideia é sempre dar vazão de pronúncia àqueles que pouco tem, além disso a melhor forma de esconder algo é falar muito sobre, justifica-se aí o interesse em procurar discursos alternativos sobre regimes estabelecidos como acontecimentos, seja dentro de lendas urbanas, ou senso comum, produzidos nos menos dotados de qualquer posição, daqueles apagados em forma e conteúdo, expressões artísticas contraventoras, e etc.

O próprio documento pode ser tendencioso ao registrar fato histórico. A desconfiança vem da maturação de que o arquivo pensado através de sua natureza como algo “acontecido”, deixa de ser um registro fiel da facticidade, se tornando também um discurso. São, portanto, motrizes provocadoras de efeitos de verdades práticas.

1.3 DISCURSOS E REGIMES DE VERDADES INVENTADOS ACERCA DO OUTRO

Um sujeito pode ser isso ou aquilo, isso será, portanto, determinado a depender da relação histórica construída. Dilatando a ideia de como produzir uma legitimidade tamanha, a questão se volta para quem, por que um e não o outro? É impresso a ideia de que se um discurso determinado é verdade, então, outro discurso que trate do mesmo alvo não o é. Sujeitos incorporados de discursos coloniais são objeto dessa pesquisa, assim como o método de permanência de tal malogro. A partir da própria perspectiva linguística é apontada a formação de um pelo apagamento de outro:

[...]os dicionários, inventário dos signos legitimados, fornecerão aos vocábulos aí recolhidos uma existência abstrata que os torna totalmente diferentes dos signos excluídos do inventário, no entanto, as palavras não tem realidade fora da produção linguística: as palavras existem nas situações nas quais são usadas ponto " p 19 (GNERRE, 1991, p. 19).

O grupo que é descartável dentro da produção de um regime sequer é pensado como sujeito discursivo, garantindo isso pela perpetuação de uma linguagem a serviço do poder Gnerre observa que: “uma construção sintática mais complexa pode ser suficiente para dirigir a um grupo mais restrito uma mensagem encaixada de dentro de um discurso de nível geral muito mais acessível” (GNERRE, 1991, p. 21).

É preciso notar que linguagem difere de língua. Ambas, no entanto, são campos de saberes que se relacionam com o ser e são também atravessadas por poderes às vezes semelhantes. Como peões de um jogo de xadrez, as palavras agem em prol de um benfeitor maior, são fiéis a quem sabe utilizá-las: “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e

daquele que pronuncia que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1989 p.15).

A língua como muitos apontam é viva, através da maneira como Foucault analisa, a língua-discurso é produzida enquanto se interage, o que significa que moldes novos de poder são feitos a cada vez que um comunicante opera tal função, reproduzindo palavras sejam quais forem, mas de um modo específico, de um lugar específico, de um sujeito específico, que servirá para perpetuar a cristalização de um discurso dotado de poder. A exemplo disso:

A linguagem do século XVI — entendida não como um episódio da história da língua, mas como experiência cultural global [...] vê-se que a experiência da linguagem pertence à mesma rede arqueológica a que pertence o conhecimento das coisas da natureza [...] a linguagem se dá por tarefa restituir um discurso absolutamente primeiro que, no entanto, ela só pode enunciar-se acercando-se dele, tentando dizer a seu propósito coisas semelhantes a ele, e fazendo nascer assim, ao infinito, as fidelidades vizinhas e similares da interpretação (FOUCAULT, 2000, p. 57).

O estudo vertical acerca da cristalização de fatos compreende que o poder não está no obscuro, escondido atrás de cortinas ou guardado num lugar amorfo, pelo contrário ele está exposto e é dispersado fugazmente através de todo material, até se tornar uma materialidade de fato. Onde o formato tem muita importância, a forma de se fazer poder através da linguagem desnuda caminho para identificar outras realidades não documentadas.

Dentro dos vários dispositivos de poder, a linguagem é uma das querelas menos suspeitas por sua aparência tão natural. No entanto, algo que é fruto de poder e também digno de sensibilidade analítica a priori deixa-se trajar de extensão da potência de se pensar e analisar em direções contrárias. A linguagem demonstra por si só a impressionante força dos dispositivos de verdade.

O fio condutor do pensamento de Foucault também é a problemática da verdade. No entanto, trata-se de tomar distância dos privilégios do sujeito de conhecimento para debruçar-se na produção histórica da verdade. Significa salientar a enunciação de discursos que funcionam entre diferentes práticas como justificação racional de verdade, como se fossem verdadeiros (CANDIOTTO, 2006, p. 66).

A gênese também estudada e servida por Friederich Nietzsche à análise genealógica de Foucault possui devida importância, porém, o estudo arqueológico pouco precisa tolerar a linearidade do fenômeno como método de análise. Penetrando as camadas de forma quase vertical, Foucault investiga o poder por trás da cristalização de um regime de verdade vigente. Isto posto, é preciso esclarecer que regime de verdade se chama assim porque se liga mais tarde à própria noção de governança, e o uso da palavra verdade é objeto de perseguição num mundo onde ela não é necessariamente única e universal. Por isso, por exemplo:

Provavelmente, podemos dizer que a loucura ‘não existe’, mas isso não quer dizer que ela seja nada. Tratava-se, em suma, de fazer o inverso daquilo que a fenomenologia nos havia ensinado a dizer e a pensar, a fenomenologia que, grosso modo, dizia: a loucura existe, o que não significa que seja algo (FOUCAULT apud CANDIOTTO, 2007, p.211).

Para Foucault (2003) tempo e lugar são motrizes determinantes para o que é verdadeiro ou falso. O próprio fato se diferencia da realidade quando é entendido pela pesquisa arqueológica que o que se tem registrado como fatos históricos são também obtidos por documentos, estes por sua vez perpassados por poderes que atuam em lugares, pessoas e objetos para fins determinados. Sendo assim, como pode um documento contestável por sua índole fracionada de local de poder servir de paladino da verdade única?

Em épocas diferentes não se está diante do mesmo objeto, e sobre o objeto de cada época, a verdade é explicável. Em cada momento, as práticas humanas são o que o todo da história as faz ser, de modo que a cada instante a humanidade é adequada a si própria com suas próprias verdades (VEYNE apud CANDIOTTO, 2006, p. 68).

Contudo, deve ser iluminado que, por mais precárias ou marginalizadoras que sejam as condições impostas pela força dos que tem poder, esse é estruturado para parecer a única versão da realidade, mas não o é. Para exemplificar, é possível trabalhar através de comparações, é o que fazem os autores da Construção Social da Realidade:

Por exemplo: posso interpretar "o significado" de um sonho integrando-o linguisticamente na ordem da vida cotidiana. Esta integração transpõe a distinta realidade do sonho para a realidade da vida cotidiana, tornando-a, um enclave dentro desta última. O sonho fica agora dotado de sentido em termos da realidade da vida cotidiana em vez de ser entendido em termos de sua própria realidade particular. Os enclaves produzidos por esta transposição pertencem em certo sentido a ambas as esferas da realidade. Estão "localizados" em uma realidade, mas "referem-se" a outra. (BERGER; LUCKMANN, 2003 p. 60).

O que se entende é que, quando se cria determinado discurso acerca de um fato delineado, é construído um acontecimento, e essa aquisição produz verdades subjetivas contingentes. Por efeito, a fixação de vários acontecimentos diferentes é capaz de deliberar um tecido histórico, o qual será contado como história genuína. Os acontecimentos, dotados de efeitos de verdade, se estabelecem como um regime.

2 A COLONIALIDADE DO PODER E AS PERMANÊNCIAS DA COLONIALIDADE GLOBAL

A abordagem apresentada neste capítulo é regida pela investigação do evento colonização e suas circunstâncias sociais. É de máxima importância para esta monografia analisar como o poder pode ser construído no contato de povos diferentes, passível de transposição através da própria cultura, e a tradução parece ter papel fundamental. Isso porque, assim como descrito no capítulo I, a tradução parte da premissa de uma subjetividade cultural própria do ser que a faz, sendo assim, no caso da dominação colonial, culminou no apagamento de qualquer subjetividade indígena nativa em detrimento do europeu colonizador.

Mais especificamente reter a análise no caso do “descobrimento” da América, percebendo como a linguagem foi e é instrumento de dominação entre povos distintos, especialmente entre o nativo e o colonizador. Já que, no capítulo anterior, se analisou com afinco as relações de poder contidas nas abstrações que podem incorrer na construção da realidade material, no caso da colonização, as ideias produzidas levaram aos últimos fins como o extermínio de nações inteiras. No entanto, a própria mitificação sobre o indígena como selvagem, iletrado, bárbaro, e a respectiva antinomia no europeu civilizado, moderno, evoluído, e, portanto, bom, mostram as ressonâncias da colonialidade para além da morte, na massificação da cultura. É possível apreender então, a ilustração do fim do evento *colonização* e a permanência da *colonialidade* nos sujeitos filhos desse processo.

Para entender essa corrente de pensamento serão abordados os conceitos trajados pela análise teórica do Decolonialismo e conseguinte do Pós colonialismo. Por volta dos anos 1980, os pós-colonialistas, revisitados frequentemente neste trabalho, elucidam a ideia de rompimento epistemológico da produção de conhecimento dos chamados “países subdesenvolvidos”, outrora as ex-colônias exploradas.

2.1 A COLONIALIDADE DO PODER, DO SABER E DO SER

Assim como concomitantemente no iluminismo o homem começa a se olhar no espelho e se acostumar com investigações acerca daquele reflexo, pode se dizer que a grande criação do branco foi ele mesmo. Ou melhor traduzido, a ideia de que ele era um, e os outros todos eram o “Outro”, sem engano, um outro em patente de inferioridade. Pelo agudo canto dos europeus foi encontrado a ideia de raças, e é através dela que até hoje a operação de colonialidade

se mantem afincada no peito de um continente antes conhecido como a grande Abya Yala. Sobre a invenção entoada, Aníbal Quijano comenta:

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos (QUIJANO, 2005, p. 117).

A reunião de autores importantes para a América latina comandada por cientistas como Walter Dignolo (2003) e Aníbal Quijano (2005) inauguram o pensamento decolonial dentro da chamada academia. É impossível não se vidrar com a luz que tal referencial oferece para o conhecimento da atualidade, e é, portanto, indispensável tal visagem para análise do mundo como mundo. Por isso, a perspectiva decolonial é explicitada neste trabalho e adentra a base da história do descobrimento da América, assim como da colonização de outros povos como marca do começo da grande empresa infindável da colonialidade. É através da moradia dentro da própria epistemologia utilizada que a dominação resiste na mente mesmo após o desocupar das terras.

Se toda teoria serve para algo ou para alguém, é razoável partir do princípio de que ela reproduz relações de colonialidade do próprio poder. Historicamente, a teoria e a filosofia política foram predominantemente pensadas no Norte e para o Norte. Por um lado, ela serviu como pilar fundamental para a arquitetura da exploração, dominação e colonização dos povos não situados no Ocidente exemplar. Por outro, o Ocidente foi capaz de reagir desde dentro, improvisando teorias outras, críticas e contra hegemônicas. Essa marginalidade teórica dialoga com as versões periféricas e subalternas produzidas fora do Norte. Dessa perspectiva, decolonizar a teoria, em especial a teoria política, é um dos passos para decolonização do próprio poder (BALLESTRIN, 2013, p. 109).

É com a retomada da episteme da América Latina como lócus da produção de saber, que se cunha e desdobra o conceito decolonial. Portanto, através da obra de Quijano e seus irmãos e irmãs latinos, que se investiga a desumanização dos povos latino-americanos o advento da raça e o regime e secretariado através da cultura e da linguagem como dominação e, não, nunca libertação.

A repressão neste campo foi reconhecidamente mais violenta, profunda e duradoura entre os índios da América ibérica, a que condenaram a ser uma subcultura camponesa, iletrada, despojando-os de sua herança intelectual objetivada. Algo equivalente ocorreu na África[...] todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (QUIJANO, 2005, p. 121).

É cunhado por Aníbal Quijano, em 1989, um conceito que será amplamente utilizado a seguir neste capítulo: o da colonialidade do poder. Definido como o entendimento de que as relações de colonialidade nos âmbitos econômicos e sociais políticas não tiveram anulação com o fim do colonialismo. Isto porque, foi feito o domínio mental de racializados como inferiores e colonizadores como superiores.

Também intimamente tratado neste trabalho, é a ideia da Colonialidade do saber (QUIJANO, 1989), já que, entende-se que a invenção da raça para categorizar os nativos autóctones foi o sombrio segredo para a dominação mundial. Mas, mais importante e menos perceptível talvez, é a ideia de que os colonizadores não só inventaram uma raça para os americanos, como fundaram também através desse advento a própria raça: a de europeus.

O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os modernos da humanidade e de sua história, isto é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie (QUIJANO, 2005, p. 122).

Outra menção que deve ser orientada para o sentido de “regime” fortificado na América Latina é o patriarcado. Esse, seja de alta intensidade ou baixa intensidade, correlacionado o patriarcado europeu e o patriarcado já produzido anteriormente na América, foram ambos de extrema importância para a dominação do colonizador sobre os povos autóctones. Exemplos dessa prática massificante podem ser observados nos mitos da Llorona/ Malinche, estrela do arquétipo *translator as traitor*⁶. A ideia é realçar o enraizamento do colonialismo na visão do que é a mulher mestiça, residente na forte representação desta como mãe - América.

Devido as condições geográficas e a invenção da América como fonte de maior atenção a primeira parte desse trabalho se mantém ligada a análise decolonial. Isso pelo seguinte fato chamado de “diferença colonial”, elaborado por Walter Mignolo (2003), um decolonial, explicitado a seguir por Ballestrin:

[...] o fato de pensadores pós-coloniais poderem ser encontrados antes mesmo da institucionalização do pós-colonialismo como corrente ou escola de pensamento. [...] o fato de que o pós-colonialismo surgiu a partir da identificação de uma relação antagônica por excelência, ou seja, a do colonizado e a do colonizador. Se por um lado essa fixação binária de identidades essencializadas foi rompida nos escritos de Memmi, Said, Spivak e Bhabha, por outro, ela foi permitida pela identificação daquilo que Mignolo (2003) chamou de “diferença colonial” (BALLESTRIN, 2013 p. 91).

Até então a Europa sequer centro do mundo era, nem de estados unidos era forjada, mas, é a partir do que futuramente se chamará Europa ocidental que partem os primeiros conhecidos como colonizadores europeus brancos. No entanto, será reafirmado no capítulo que apesar desse território possuir sim alguns fortes coroados, estes se desenvolveram não só através, mas somente por causa de sua exploração de bens americanos. Portugal e Espanha tem aos poucos seu poderio perdido e transferido para Inglaterra e França, que continuam com o massivo papel de europeu por mais de três séculos.

O olhar do colonizador sobre o outro é a inspiração do malogro latino-americano e todos os seus filhos frutíferos. E este que foi constituído pela própria ideia de descoberta de uma “América inexistente” antes dele, que assumidamente e, por falta de maior caracterização, se

⁶ “o tradutor é traidor” (tradução nossa)

define como “o branco”. Em contradição, os quais o branco fazia de escravos animalizados foram caracterizados como “todos os outros não brancos”. Em Vine Deloria Hijo há descrito:

Uma das diferenças mais óbvias entre os aborígenes e os brancos é o local de origem. Os brancos vieram principalmente da Europa Ocidental [...] por outro lado, os aborígenes sempre habitaram o Hemisfério Ocidental. A vida no continente e as concepções que dela existiam não foram influenciadas pelo mundo pós-romano [...]. O hemisfério ocidental produziu sabedoria, a Europa Ocidental produziu conhecimento (VINE DELORIA HIJO, 1969, apud MIGNOLO, 2007, p. 27)⁷

Tanto o território da América quanto a convicção de raça, e por conseguinte a ideia de europeu versus outro, vão surgindo em dependência da totalidade quimera de América. Logo, o que se entende, é que se trata de uma série de ideias postuladas, uma sobre a outra, de forma a engrossar um caldo que incha em regime de verdade.

As novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim, ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente (QUIJANO, 2005, p. 118).

A América como lugar geocultural já era um fato antes da invenção de raças, e tinha diversas expressões em nomes indígenas, dos milhões que assenhoravam o território, chamado por vezes de *Abya-Yala* (terra em florescimento), ou *Tawantinsuyu* (quatro partes juntas), e ainda, *Anahuac* (cercado entre as águas). Como informa muito bem, Mignolo: “O território existia e os habitantes também, e claro, deram nome próprio ao lugar onde viviam”⁸ (MIGNOLO, 2007, p. 28, tradução nossa).

E, ao contrário de muitos outros territórios que já possuíam nome e sofreram a colonização dos europeus, a América foi renomeada. Por falta de palavra melhor, entende-se aqui que renomeada significa o processo contido em apagamento completo, pois não é possível enxergar seu passado anterior. Portanto ela é apagada e reescrita, em cima de todo o extermínio de milhões sem lembrança de que eram pessoas, situação toda essa que posterga até nossa educação convencional atual, já que ainda chamamos todo esse processo de “descobrimto”.

[...] todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas [...] sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores (QUIJANO, 2005, p. 127).

À propósito, a ideia do colonizador (sobre ele e sobre o outro) é um fenômeno que age de forma diferente na visão do colonizado. Para o segundo, incorre uma forma de controle

⁷ *Una de las diferencias más evidentes entre aborígenes y blancos es el lugar de origen. Los blancos provenían principalmente de Europa occidental [...] en cambio, los aborígenes siempre habían habitado el hemisferio occidental. La vida en el continente y las concepciones que de él existían no recibieron la influencia del mundo posromano [...]. El hemisferio occidental producía sabedoría, Europa Occidental producía conocimiento.* (VINE DELORIA HIJO, 1969, apud MIGNOLO, 2007, p. 27)

⁸ *El territorio existía y los pobladores también, por supuesto, pero ellos daban su propio nombre al lugar donde vivían”* (MIGNOLO, 2007, p. 28)

abusivo na mentalidade. A concepção, que não vem sem função de poder, logicamente, como assinala Quijano:

Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e consequentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais (QUIJANO, 2005, p.118).

O olhar do colonizador aqui é, portanto, entendido como o que se dota de binarismo e etnocentrismo, particularmente eurocentrista. Sua maior criação em salvaguarda dos diferentes impérios que já marcharam sobre a terra, parece ser a mais brutal colonização, que revestida de uma construção de verdade, perdura no imaginário do opressor e do oprimido.

2.1.1 A CRÍTICA AO SUJEITO MODERNO

O pensamento decolonial é importante nesse sentido, para oferecer ferramentas que repensem nosso imaginário do mundo. Imaginário este que é contaminado de discursos e se replica numa linguagem poderosa, tanto que, é tarefa difícil nos perguntamos sobre sua origem e forma.

O branco realmente tem uma autoafirmação de superioridade, que é reforçada e por vezes elencada dentro da própria ciência, visto que, o artifício da ciência é afincado no ideário europeu etnocêntrico do chamado Iluminismo. Por isso, muitas das vezes o que o racializado produz não é ciência, é magia, não é religião, é mito, não é humano, é animal, não é sujeito, é objeto, este que pode ser desfrutado e usufruído.

A história é, contudo, muito distinta. Por um lado, no momento em que os ibéricos conquistaram, nomearam e colonizaram a América (cuja região norte ou América do Norte, colonizarão os britânicos um século mais tarde), encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduziam-se a uma única identidade: índios (QUIJANO, 2005, p. 127).

O que o branco produz é a verdade científica iluminista e o mantém como superior, inclusive sobre enclaves cientificistas, que vai postergar por muito tempo, e justifica o massacre total de outras subespécies. Por isso é ainda alertado por Michel Foucault (1981) sobre como uma verdade é construída e o sujeito moderno é objeto dessa exaustiva pesquisa. O autor pós colonialista Robert Young se debruça efetivamente sobre o tema e concorda que:

A análise do discurso colonial pode, portanto, olhar para uma ampla variedade de textos do colonialismo, como mais do que mera documentação ou "testemunho", e também enfatizar os meios pelos quais o colonialismo implica não apenas uma atividade militar ou econômica, mas formas difundidas de conhecimento que, se não forem desafiadas, poderão continuar sendo aquelas únicas sendo aquelas únicas por

meio das quais tentamos compreender o próprio colonialismo. Aqui temos a explicação final para o "efeito de alienação" de várias linguagens da crítica pós colonial (YOUNG, 2005, p. 200).

Esse seria um daqueles discursos de poder que adquirem velocidade através da reprodução em sujeitos, espaços, estudos, e legitimidade dos governos, poderes imbricados de naturalidade como a literatura, por exemplo. Para além da morte de outras versões, a aparência de um acontecimento verdadeiro também aprisiona outros saberes à designação da forma como este foi contado, por conseguinte, é o que aconteceu com a cultura à sombra do colonialismo. Sobre a colonialidade aplicada aos povos originários Quijano comenta que “a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (QUIJANO, 2005, p. 121)

De acordo com essa investigação, se percebe que num segundo momento do colonialismo, o capital se cultiva pelo pensamento da pequena elite que habitava as colônias, ou mesmo impérios e repúblicas independentes. Já que, essa elite continua se enxergando como refletida em um europeu branco, jamais retiveram alguma consideração relacional aos mestiços, indígenas ou negros, (mesmo sendo ela mesma as vezes parte da raça inferior). Em ordem de sobrevida como um participante branco do mito da superioridade racial, essa aristocracia burguesa coopera com a metrópole por isso, método que se sustenta até hoje como ferramenta da colonialidade do poder nas ex-colônias.

2.1.2 A COLONIALIDADE E A INVENÇÃO DO CAPITALISMO GLOBAL

O olhar do colonizador sobre o outro e o olhar do colonizador sobre ele mesmo são duas questões que se convergem, justamente porque, uma é produção concomitante da outra. Essa noção dá florescimento à ideia da América, território continental, como berçário do capitalismo global. Entretanto, é prudente também o ressalve, evocando a tese central do Sistema Mundo de Immanuel Wallerstein, já que se trata do mesmo capitalismo, este, debruçado na América Latina, que age até os dias de hoje. Portanto dotado de diálogo com a teoria de sistema mundo (WALLERSTEIN, 1974), se alinham pensadores decoloniais latino-americanos conhecidos como o Grupo Modernidade/Colonialidade no fim dos anos 1990, propondo respostas para os problemas enfrentados por suas nações e discutem o pensamento decolonial em conjunto da teoria da dependência, esta última descrita por Feres Júnior que:

Neste sentido, a teoria da dependência refuta as pressuposições de isolamento espacial e histórico que apontam o subdesenvolvimento como sendo uma etapa ou estágio para o desenvolvimento. Ao contrário, argumentam que o subdesenvolvimento não é falta ou carência de desenvolvimento, mas uma forma de desenvolvimento, produto de uma

relação histórica de dominação política e econômica (FERES JÚNIOR, 2005, apud QUENTAL, 2012, p. 49).

Contudo, como capitalismo global que é, ele deve ser aparelhado, através da exploração, tanto de matéria prima quanto do trabalhador:

Na medida em que aquela estrutura de controle do trabalho, de recursos e de produtos consistia na articulação conjunta de todas as respectivas formas historicamente conhecidas, estabelecia-se, pela primeira vez na história conhecida, um padrão global de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. [...]Desse modo, estabelecia-se uma nova, original e singular estrutura de relações de produção na experiência histórica do mundo: o capitalismo mundial. (QUIJANO, 2005, p.118).

Ou seja, o capital não é um ator que age solitário, fica claro como seu início se fortificou no “descobrimento” da América, pois dependeu diretamente do extrativismo colonial das terras riquíssimas do Novo Mundo e do trabalho escravo de indígenas e negros. Em sua descoberta Aníbal Quijano intercepta a perspectiva de Viola e Margolis:

[...] a primeira identidade geocultural moderna e mundial foi a América. A Europa foi a segunda e foi constituída como consequência da América, não o inverso. A constituição da Europa como nova entidade/identidade histórica fez-se possível, em primeiro lugar, com o trabalho gratuito dos índios, negros e mestiços da América, com sua avançada tecnologia na mineração e na agricultura, e com seus respectivos produtos, o ouro, a prata, a batata, o tomate, o tabaco, etc. (VIOLA E MARGOLIS, 1991 apud QUIJANO, 2005, p. 127).

Essa operação mental é o que mantém basilar o poder do próprio capitalismo global como não coincidência ou desenvolvimento natural da sociedade. Qualquer crítica que se preze deveria então perpassar pelo caminho decolonial, isto é, do que foi feito e como foi feito e porque foi feito a partir da América, O discurso histórico nocivo para a maioria da população mundial que resiste até hoje resiste no que não é contado:

[...] reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade (QUIJANO, 2005, p. 121).

Outra ideia explorada pelo decolonial, entende que quando o colonialismo mais tarde, já partindo para o imperialismo, atinge outros povos que depois receberão o nome de Orientais, estes estudados pela crítica pós-colonial. A ideia é perceber que ao contrário da raça latino-americana, que não tem lugar de alteridade para o branco a não ser sua negação, a invenção do orientalismo serve como oposto. Portanto, o decolonial entende que não faz parte do mesmo tipo de processo histórico, e, por isso, precisa produzir conhecimento a partir de um lócus latino-americano. Com a ressalva de que ele não é parte dos povos do oriente muito menos é reconhecido como ocidental.

A corrente teórica do *pensamiento decolonial* aproxima-se da perspectiva do pós-colonialismo, mas diferencia-se deste campo, entre outros aspectos, justamente por se configurar como teoria elaborada a partir de outro lócus de enunciação: a América Latina, um espaço-tempo constituído a partir de experiências históricas forjadas no colonialismo dos séculos XVI ao XIX e capitaneados por Espanha e Portugal (QUENTAL, 2012, p. 47).

Para dar continuidade as suas conquistas os europeus aumentam a tira de raças, ambos os povos designados como terceiro mundistas devem ser investigados e criadores das rupturas epistemológicas. Já que os dois partem da mesma árvore genealógica que é o capital global. Contido nisso: “[...]a categoria Oriente não teria sido elaborada como a única com a dignidade suficiente para ser o Outro, ainda que por definição inferior, de Ocidente, sem que alguma equivalente fosse criada para índios ou negros” (QUIJANO, 2005, p. 120).

Ideias são a força motriz do processo cultural que dá consistência ou resistência à afirmação de indivíduos. Pessoas em tempos, contextos e lugares diferentes respondem a suas condições materiais de existência. Se condicionado ao nascimento do capitalismo global, a invenção da América foi, tudo o que existia antes deste momento fatidicamente foi desviado ao obscuro. A verdadeira luminescência em favor dos que convivem hoje com o duplo pertencimento - o mestiço - precisa romper contra o teto que se cerca da linguagem do dominante.

2.2 RUPTURA EPISTEMOLÓGICA, TEÓRICA E POLÍTICA

A fixação binária de identidades essencialistas foi desconstruída, anteriormente, por Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Stuart Hall e Edward Said, conhecidos como os teóricos pós-coloniais. Na definição de Bhabha:

A pós-colonialidade, por sua vez, é um salutar lembrete das relações "neocoloniais" remanescentes no interior da "nova" ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional. Tal perspectiva permite a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência. Além disto, no entanto, a crítica pós-colonial dá testemunho desses países e comunidades - no Norte e no SuL, urbanos e rurais - constituídos, se me permitem forjar a expressão, "de outro modo que não a modernidade" (BHABHA, 1998, p. 26).

Percebe-se, auxiliando-se no trabalho de Eduardo Viveiros de Castro (2016), que durante o encontro e reconhecimento de duas ou mais civilizações o registro da alteridade nem sempre é feito, observando que, no caso da contraposição indígena – branco, o conceito político de “Outro” é distinto. No caso do colonizador a alteridade não é profundamente considerada, já que ele não se define enquanto percebe o outro, ao contrário, ele renega a própria condição de sujeito ao indígena.

Para Ella Shohat (2006), pós colonialismo é um termo menos rebelde e ameaçador dentro da academia, porém, o termo também tece uma conotação espacial monolítica, ou seja, entende-se que os povos explorados pelo colonialismo estão engessados em um mesmo lugar e tempo, o que historiograficamente não é verdade. Utilizando o prefixo “pós” pressupõe-se algo

que teve fim, e, portanto, que o colonialismo já acabou, além da redução positivista do modismo dos pós (pós-estruturalismo, pós verdade, pós feminismo).

Já diretamente sobre a linguagem especificamente, a professora Gayatri Spivak (2010), através de seu campo político gramsciano, comenta sobre a impossibilidade do subalterno falar e, isso, que surge como uma crítica a filosofia francesa essencialista, se torna um mapa para a nossa realidade atual. A renovação crítica e utópica das Ciências Sociais na América Latina no século XXI – foi chamada de “giro decolonial” que serve, segundo Bhabha, para “reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; tocar a futuro em seu lado de cá” (BHABHA, 1998, p. 27). A conceitualização pode ser feita se amparando na seguinte definição de Ballestrin:

“Giro decolonial” é um termo cunhado originalmente por Nelson Maldonado-Torres e que basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. A decolonialidade aparece, portanto, como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade (BALLESTRIN, 2013, p.105).

Para Spivak (2010) os mecanismos formadores da consciência política se dissipam na cultura hegemônica, diminuindo em muito as possibilidades de uma construção de consciência de classe, o que seria a chave para a transformação. A fala é seu objeto de estudo mais próximo e fecundo, por isso, é trazido para esta discussão a temática da língua: o sujeito marginalizado na língua não tem poderio de ação, é comumente preso a uma fixidez social., por isso é importante o estudo verificando a possibilidade ou proibição da fala. Corroborando para que dentro da linguagem, seja ela eloquente pela fala, escrita, desenhada, narrará sempre poderes balanceados a depender de quem fala, e, nesta investigação a diante, é visto sobre a fala do dominado colonizado ou sujeito subalterno.

Tomada emprestada a ideia de Grada Kilomba⁹ o paradigma de Antígona pode caber aqui como uma ilustre resposta a necessidade de ruptura eurocentrista levantada nesse capítulo. A figura mitológica da Tragédia Grega de Sófocles, é a de uma mulher que reivindica a defesa do lugar da família, e investe contra o dominante tirano, Creonte, para enterrar seu falecido irmão. Apesar de Antígona afrontar o poder masculino ela é invocada aqui por fazê-lo através da linguagem. Quando enfrenta Creonte, ela passa de mulher, que nem cidadã era considerada, para alguém que ultrapassa os limites legais da ordem existente, ou seja, se torna alguém, ainda que alguém criminoso. A autora que debate sobre gênero, Judith Butler, ilustra a questão entendendo que:

Antígona se afirma a si mesma apropriando-se da voz do outro, aquele a quem ela se opõe; assim, sua autonomia é conquistada através da apropriação da voz autorizada

⁹ KILOMBA, Grada. Illusions Vol. III, Antigone, 2019 Two-channel video installation, HD, colour, sound 52’35”, in loop, Edition of 5. Disponível em: <https://www.goodman-gallery.art/gradakilomba> Acesso em: 18 nov. de 2021.

daquele a quem resiste, uma apropriação que traz consigo traços de uma simultânea recusa e assimilação dessa própria autoridade (BUTLER, 2014, p. 30).

Ou seja, através do uso da linguagem, uma subalterna estabelece o direito “masculinista” para ganhar o protagonismo dele (o direito), retirando esse poder outrora do viril dominante Creonte. Neste caso é perfeitamente exemplificado poder da fala dentro da perspectiva de participação política literal, numa história que remonta a antiguidade clássica grega, mas serviu de inspiração sobre a necessidade de enterrar o passado como ele verdadeiramente o foi, para seguir adiante num espaço de nova consciência subalterna.

Para os autores pós-coloniais existe a implicação de que é necessário construir uma espécie de imaginário pelos subalternos uma língua própria para poder finalmente falar e ser escutado. Para Spivak (2012), algum tempo depois do escrito da obra de título mais famoso “Pode o Subalterno falar?” (1985), explica que:

Eu apresentei “Pode o Subalterno Falar?” como um artigo vinte anos atrás. Nesse artigo eu sugeriria que o subalterno não poderia “falar” porque, na ausência da agência validada institucionalmente, não haveria o sujeito da escuta. Minha escuta, separada pelo tempo e pelo espaço, era talvez um impulso ético. Tem de haver presumidamente um coletivo de pessoas que escutam e sujeitos que contra assinam e agentes na esfera pública para que o subalterno possa “falar”. (SPIVAK, 2012, p. 326).

Ou seja, tão importante quanto falar, é falar para ser escutado. Contudo, a ruptura epistemológica pós-colonial tem como princípio a própria ruptura do binarismo e do eurocentrismo, por isso, essa história que é marcada nos discursos de Frantz Fanon (1986)¹⁰ no século passado, mesmo dentro da própria França, possui eloquência pós colonial. À análise de Homi Bhabha que acredita que:

Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Mas ele está consciente demais dos perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação de culturas coloniais para recomendar que se lancem “raízes” no romanceiro celebratório do passado ou na homogeneização da história do presente (BHABHA, 1998, p. 29).

Grada Kilomba (2019), marca a ausência de fala e medo impostos pela máscara utilizada pelos colonos em seus escravos para evitar que estes comessem frutas como o cacau, consideradas estritamente como bens do colono. Pois do ponto de vista moral o fruto da terra pertence aquele que planta, porém, na mente do colonizador essa noção se transforma no contrário do que é. O colonialismo, para a autora, é representado pela ausência da fala, marcada também nessas mesmas máscaras que evitam o furto de frutas. A autora ilustra que:

Nesse cenário específico a boca também é uma metáfora para a posse. Fantasia-se que o sujeito negro quer possuir algo que pertence ao senhor branco: os frutos, a cana de açúcar, e os grãos de cacau. Ela ou ele querem come-los, devora-los, desapropriando assim o senhor de seus bens (KILOMBA, 2019, p.34).

¹⁰ FANON, F. *Black Skin, White Masks*. London: Pluto, 1986. p.218, 229, 231. (Introdução de H. K. Bhabha).

Assim como Spivak (2012), Grada enxerga na fala a potencialidade do que não é contado, sendo assim o etos colonial permanece na não discussão. Através de representações gráficas como teatro e audiovisual, o lugar em que se macula a importância maior do que não é contado, a artista destaca a importância da reconstituição do passado castrado de fala. O regime de verdade responsável por matar e aprisionar concomitantemente outras falas e saberes é circulado como epistemicídio. As permanências coloridas do xadrez da colonização na América Latina, e depois no resto do mundo, são instrumentos que atravessam corpos, culturas, linguagens e se reproduzem em grandes ninhadas que veiculam-se pelas expressões artísticas culturais como cinema, teatro, telenovelas, músicas, livros e afins.

2.2.1 CORPO E BINARISMO

Retomando a questão da dualidade/binaridade, o etnocentrismo europeu perpetrou-se amparado em Descartes, a partir do cientificismo a ideia de razão atrelada à alma do indivíduo. Essa compreensão filosófica iria legitimar e impulsionar por anos a *mission civilizatrice*, já que essa se fundamenta na vontade de levar a razão, o método científico e sua luminosidade para os indígenas que nada disso para os modernos possuem, e, portanto, só são dotados de corpo sem dignidade corpórea.

Com Descartes o que sucede é a mutação da antiga abordagem dualista sobre o “corpo” e o “nãoocorpo”. O que era uma co-presença permanente de ambos os elementos em cada etapa do ser humano, em Descartes se converte numa radical separação entre “razão/sujeito” e “corpo”. A razão não é somente uma secularização da ideia de “alma” no sentido teológico, mas uma mutação numa nova id-entidade, a “razão/sujeito”, a única entidade capaz de conhecimento “racional”, em relação à qual o “corpo” é e não pode ser outra coisa além de “objeto” de conhecimento. Desse ponto de vista o ser humano é, por excelência, um ser dotado de “razão”, e esse dom se concebe como localizado exclusivamente na alma. Assim o “corpo”, por definição incapaz de raciocinar, não tem nada a ver com a razão/sujeito (QUIJANO, 2005, p.129).

Portanto, já que o indígena nessa visão não tinha razão/conhecimento, este por fim não deveria ter alma, logo, foi feito uso indiscriminado dessa perspectiva para a autorização de inferioridade aos ameríndios. Ainda sobre a modernidade iluminista, Silvia Federici, autora de estudos feministas que marcam a arqueologia do patriarcado moderno, lê Merchant e sua descoberta:

Merchant considera que a raiz da perseguição às bruxas encontra-se na mudança de paradigma provocada pela revolução científica, em particular, no surgimento da filosofia mecanicista cartesiana [...] a mulher enquanto bruxa, sustenta Merchant, foi perseguida como a encarnação do "lado selvagem" da natureza, de tudo aquilo que na natureza parecia desordenado, incontrolável e, portanto, antagônico ao projeto assumido pela nova ciência (MERCHANT, 1980 apud FEDERICI, 2017, p. 366).

Assim como o indígena é categorizado numa versão inferior porque se comunica de forma mais atrelada e harmoniosa com a natureza, as próprias mulheres na Europa, pelo mesmo

percalço, passaram a ser perseguidas, por uma visão naturalista imposta à ideia de mulher-mãe lograda junto a mãe-natureza. A colonização ressoante com o patriarcado e o capitalismo se deu, mais uma vez, como explica Federici:

As figuras correspondentes à típica bruxa europeia não foram, portanto, os magos do Renascimento, mas os nativos americanos colonizados e os africanos escravizados que, nas *plantations* do Novo Mundo, tiveram um destino similar ao das mulheres na Europa, fornecendo capital a aparentemente inesgotável provisão de trabalho necessário para a acumulação (FEDERICI, 2017, 357).

Romper com esse ciclo é fazer o resgate desses corpos racializadas da raça terceiro-mundista e toda sua possibilidade de nova filosofia, o que foi perpetuado pela ausência da fala e impedimento de uma linguagem libertadora. A autora Audre Lorde, uma grande feminista de raiz, afro alemã, em seu livro “Irmã Outsider” (1984), comenta sobre a “colonialidade da razão feminista” tecendo uma crítica ao feminismo acadêmico hegemônico, portanto, branco. No título de seu texto “as ferramentas da casa do senhor nunca derrubarão a casa grande” (LORDE, 2020), ela explicita que este tipo de movimento usa as ferramentas do patriarcado para tentar minar o próprio, o que não funcionaria. Lorde (1984) observa que:

Defender a mera tolerância das diferenças entre mulheres é o mais grosseiro dos reformismos. É uma negação total da função criativa da diferença em nossas vidas. A diferença não deve ser apenas tolerada, mas vista como uma reserva de polaridades necessárias, entre as quais nossa criatividade pode irradiar como uma dialética. Só então a necessidade de interdependência deixa de ser ameaçadora (LORDE, 2020, p. 136).

Na ideia de um novo conto sobre a colonialidade essa pesquisa é autorizada a investigar a própria noção de realidade contida em fatos históricos, contados e recontados, passados e perpassados, por discursos e poderes. Rompendo, portanto, com a noção eurocentrista e com a binaridade, se tem a luz uma nova consciência, dessa vez racializada, mestiça, com lócus na própria fronteira:

O pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita (MIGNOLO, 2003, p. 52, apud BALLESTRIN, 2013, p.106).

É logo entendido que através de uma nova epistemologia, que saí do repouso sob a sombra do eurocentrismo, e, portanto, do binarismo, que a fala pode ser constituída de aspecto libertário, e tem o dever de recontar a história daqueles que não a puderam conta. Assim talvez, através da episteme de fronteira, o poder da linguagem se transfira para o subalterno.

2.3 A MODERNIDADE E A COLONIALIDADE: EXPRESSÕES DO DISCURSO COLONIAL EUROPEU

O corpo fala, pois é pelo vislumbre dele que se subjugou toda uma camada como sub-raça. Para integrar a realidade do europeu, o ameríndio deveria se transformar num outro ser, uma espécie de cópia, cujo a razão indígena foi apagada para dar lugar a um vácuo de determinismo branco. Como prescrito no capítulo anterior a cultura e a linguagem foram instrumentos fomentadores da ampliação da dominância do outro, o colonizado, o subjugado, o de raça inferior, todos adjetivos dados pelos europeus etnocêntricos perpetuados na cabeça dos mestiços filhos desse processo, criaram um mundo onde eles são realmente subjugados pelo local de nascimento. Com a expressão de valores antinomianos como as representações do bom selvagem, civilização, selvageria, barbárie, a expansão e divulgação dos valores culturais europeus se reproduziram e transmitiram-se pela linguagem como recursos estratégicos de poder.

Para compreender como estão ligadas a aderência de uma cultura e o desconforto lascivo da cultura de não-origem, Estevão Rezende (2018), bebendo em Kant, explica que há duas camadas de sujeitos responsáveis pela formação da História. O primeiro é o sujeito que experimenta, age, anda, fala, vive; já o segundo sujeito é aquele que pensa sobre a experiência que teve. Como resultado, o pensamento do sujeito sobre ele mesmo, dentro de um contexto material e social específicos, forma uma amostra da realidade histórica. Por conseguinte, é criada uma narrativa dotada de sentido, significado e identidade. O autor pensa sobre cultura e linguagem em: “A estrutura analítica da categoria “cultura” entendida como contrapoder ou como poder paralelo, se não divergente, distingue três tipos de crenças: visões de mundo (cosmovisões), crenças institucionalizadas e crenças causais”. (REZENDE, 2002, p. 31). Para ele:

A predominância dos padrões coloniais, contudo, levou a construção de modelos de sociedades institucionalizadas em que a integração da diversidade não se iniciou pelo reconhecimento, mas pelo estranhamento[...] Diz-se que a comunidade maior assimila o "corpo inicialmente estranho" e que o sujeito se apropria da cultura (valores, história, língua) do grupo. [...] processo semelhante ocorre com respeito a cultura histórica, na medida em que a projeção do enraizamento temporal, no passado, procura tecer uma identidade que se aproprie dos elementos “originários” do espaço. Do meio e do tempo respectivos de cada grupo. (ESTEVÃO, 2002, p. 55).

As representações dos valores europeus ficaram imbricadas no nativo/mestiço, e parte dessa necessidade advém do modelo capitalista suplantado no território americano. Para controlar a alma do trabalhador, sendo ela sinônimo cartesiano para a inteligência, era necessário o sequestro constante de qualquer formação de cultura ou senso comunitário. Fica claro essa noção no latino-americano que se denomina “bom selvagem” palavras incompatíveis entre si no ideário iluminista.

A cultura ocidental fazia "objeções" às coisas e às pessoas quando se distanciava delas, perdendo assim "o quê" com elas. Essa dicotomia é a raiz de toda violência. [...] Não só o cérebro foi dividido em duas funções, mas também a realidade. portanto, pessoas que habitavam ambas as realidades foram forçadas a viver na interface entre os dois (ANZALDÚA, 1987, p. 37, tradução nossa).

Diferentemente em cada local que hoje se transfigura nos estados nações da América latina foram incorporados modelos de trabalho explorativo. Dialogando com os pós-coloniais citados acima, Robert Young continua a tecer os pontos moveis do capitalismo pelo tecido da História:

O capitalismo distingue-se de formas históricas anteriores, como a autocracia, o despotismo, na medida em que simplesmente não codifica e, portanto, controla o desejo: ele tem de operar através de um duplo movimento porque deve, antes de tudo, suprimir as instituições e culturas que já estão desenvolvidas. A necessidade básica do capitalismo é forjar um encontro entre a riqueza desterritorializada do capital e a capacidade de trabalho do trabalhador desterritorializado. A redução de tudo, inclusive produção e trabalho, ao valor abstrato da moeda, o habilitam a decodificar fluxos e desterritorializar o *socius*. Ao atingir uma forma universal de troca, ele então reterritorializa. (YOUNG, 2005, p. 207).

É exatamente por meio dessa fórmula que se pode adiantar a concordância do que foi dito por Mignolo (2007, p. 28-9): “América nunca foi um continente que houvesse que descobrir, e sim uma invenção forjada durante o processo da história colonial europeia e da consolidação e expansão das ideias e instituições ocidentais”. Como continua a exemplificar a geografia do poder, Robert Young amplifica:

Esta descrição das operações do capitalismo enquanto máquina de escrever territorial, parece não apenas particularmente apropriada para o desenvolvimento histórico da industrialização, como também descreve rigorosamente bem os violentos procedimentos físicos e ideológicos de colonização, desaculturação e aculturação, por meio dos quais o espaço territorial e cultural de uma sociedade nativa deve ser desintegrado, dissolvido e então reinscrito segundo as necessidades dos aparelhos de poder dominantes (YOUNG, 2005, p 208).

Fica fácil concordar com o pensamento concluído por Quijano que: “Portanto, houve uma invenção eurocêntrica da América, que encobriu seus povos originários, e não descobrimento” (2005, p. 55). Demonstrando que o capitalismo foi responsável pela necessidade de se desvincular a cultura nativa do território e da ideia de América e de outras colônias, como uma prática massificante, dentilhada, imitadora das máquinas adotadas mais tarde na Revolução Industrial.

2.3.2 NA IDEIA DO CORPÓREO – O PATRIARCADO

As abstrações como demonstrado nos itens anteriores, podem aparecer de várias formas, como na língua e na cultura, elas se capilarizam formando uma superestrutura condensadora de eventos, circunstâncias, fenômenos da sociedade, e como num ciclo, os poderosos desta a reformam para um continuum. Forjar diversas verdades sobre o dominado é o aparato de poder que alimenta uma rinha de opressões ao redor do mundo, dar voz a linguagem alternativa,

composta pelos novos sujeitos mestiços, dessa vez, senhores de si, pode ser a chave para uma nova construção da realidade social.

A perpetuação desse tipo de dominação, sendo assim, molda o indígena transfigurado em mestiço, e entra no espaço que Maria Lugones (2014) chama de “*locus fraturado*”, essa dualidade esquizofrênica em que o sujeito não vai ser lido ou aceito como branco, portanto não pode olhar para o que pode vir a ser, porque lhe vai ser negado ser, e não vai obter retorno nas origens indígenas agora que “embranqueceu”. De tal sorte que esse sujeito se transforma em alguém completamente marginalizado por toda a sociedade.

Por trás da simples palavra “consumo” existe o peso abissal dos seus significantes e a penetrabilidade do sentido no imaginário dos homens. Para Rita Segato (2005), é claro a ideia de que crimes que acontecem por meios sexuais não tem necessariamente motivação sucinta na sexualidade, e sim uma crueldade como virilidade exposta sob a fórmula de apropriação/violação, ou seja, o de poder consumir, e nesse caso, “consumir” o corpo da vítima. O que é aqui denunciado é que se teve a exploração sexual durante a colonização porque atrelado à ideia de corpo como mercadoria no capitalismo, vem a esquizofrenia do consumo, ou seja, houve um desejo de abusar sexualmente dos “produtos”. Em relação ao capitalismo bruto na desconstrução de humanidade universal, se pregou consumo de produtos que não eram vistos como seres humanos. Tal questão é tão violenta pois sustenta esse tipo de prática até os dias atuais.

Essa relação de desejo e poder também é trabalhada com detalhe colonial por Robert Young. Nesse caso o autor revela segundo inúmeras bibliografias cautelosamente por ele reunidas, o desejo colonizador – que dá nome a sua obra – como um desdobramento da política de poder do capital sobre um fetiche do mestiço:

A ideologia da raça, um sistema semiótico sob a aparência de etnologia (a ciência das raças), a partir dos anos 1840, trabalhou necessariamente de acordo com a lógica dupla, a qual tanto impingiu como policiou as diferenças entre brancos e não-brancos, mas ao mesmo tempo se concentrou fetichestamente no produto do contato entre eles (YOUNG, 2005, p.220).

Absolutamente sob a ótica do produto sendo os mestiços, o autor ainda complementa em sua tese, a relação íntima entre mercadorias – objetos – e mercadorias – corpos –, entendendo que os corpos escravizados foram por muitos anos reduzidos a esta condição desprovida de humanidade:

A história dos sentidos da palavra “comércio” inclui tanto a troca de mercadorias quanto a de corpos em relações sexuais. Portanto, foi inteiramente adequado que a troca sexual (e seu produto miscigenado), que capta as relações de poder violentas, antagônicas da difusão sexual e cultural, viesse a se tornar o paradigma dominante por meio do qual o apaixonado comércio econômico e político do colonialismo foi concebido. Talvez isso comece a explicar por que nossas próprias formas de racismo

permanecem tão intimamente ligadas com a sexualidade e o desejo (YOUNG, 2005, p. 222).

Ou seja, segundo a perspectiva cativante desse autor existe uma certa análise a ser feita através da psicanálise, que poderia dar início a uma explicação menos moderada sobre a colonialidade e seus reflexos dentro do próprio colonizador. Mais ainda, a ambivalência no seu sentido psicanalítico de sentimento formado pelo indivíduo desejante de algo que é contrário a norma social resultaria num recalque inconsciente e, portanto, na necessidade de esconder tal desejo dentro do inconsciente, deixando ao consciente apenas a renegação e o ódio ao objeto determinado. Melhor exemplificado em prescrição de Deleuze e Guattari a ideia de ambivalência em “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia”:

O racismo talvez seja o melhor exemplo que nos permite apreender diretamente a forma do desejo, e a sua antítese, a repulsa, como uma produção social: " assim, a fantasia não é jamais individual: ela é uma fantasia de grupo" [...] O discurso colonial forneceria mais um exemplo dessa fantasia de grupo (DELEUZE GUATTARI, 1972 p 28-9 apud YOUNG, 2005, p.207).

É interessante notar que é utilizado como objeto de estudo para Young, um conceito amplamente conhecido pela autoria de Bhabha (1998) chamado “hibridismo”, esse, cunha o ideário da criouliização de forma acachapante quando pensado o ser, para além da cultura.

Ao reescrever ou não reconhecer um passado verdadeiro, não há amparo para políticas de resistências ou de sequer existência para os filhos da América. Assim como o apagamento da mulher dificulta uma vitória sobre o patriarcado, este também serviu para que parte das tribos fossem apagadas em conjunto, para os homens brancos e os homens indígenas a mulher foi sublocada, o que destruiu a tutela cultural de todos os verdadeiros americanos.

O reflexo da bestialização do nativo na figura da mulher é um assunto de caráter importante, visto que ecoa desde a virada da modernidade europeia provocada através do iluminismo. Isso é melhor destrinchado pela autora Silvia Federici (2004) em sua obra o Calibã e a Bruxa, que recorda sobre a inquisição e a caça às bruxas:

Os destinos das mulheres na Europa e dos ameríndios e africanos nas colônias estavam tão conectados que suas influências foram recíprocas. A caça às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram levadas à América para romper a resistência das populações locais, justificando assim a colonização e o tráfico de escravos ante os olhos do mundo (FEDERICI, 2017, p. 357).

O que culminou adjacientemente no desaparecimento do sujeito mulher como parte social e política da vida na Europa e, é claro, na sentença de milhares delas à morte de formas criativamente esdrúxulas lá e cá. Tanto que, na literatura de Irene Silverblatt é exposto que: “Nas colônias, as mulheres também eram as mais passíveis de acusações de bruxaria, porque, ao serem especialmente desprezadas pelos europeus como mulheres de mente fraca, logo se tornaram as defensoras mais leais de suas comunidades” (SILVERBLATT, 1980 apud FEDERICI, 2017, p. 358). A professora Ella Shohat (2011) comenta sobre como meios

mediáticos são formas de propagação de discursos, contextualizando que existem “Filmes em que não há interação com pessoas indígenas. Mas ainda assim as populações indígenas servem como um pano de fundo exótico para as ações e atividades dos heróis ocidentais”.

Ademais, circunstâncias semelhantes como a queima de bruxas na fogueira, demonização de qualquer cultura de afirmação do sexo feminino, e destruição da perspectiva cosmológica de centenas de nações foi o preambulo do funcionamento da colonialidade sobre a mulher, e aconteceu tanto na modernidade europeia como nas missões civilizadoras na América. Para Viveiros de Castro (2011) o povo é multi e o Estado é uma encarnação do Estado universal, essa unificação dizimou e ainda opera contra multiculturalidades, portanto, para se organizar como Europa ocidental, era necessário uniformidade, por isso, também muitas sociedades dentro do próprio continente velho deixaram de existir, numa espécie de movimento cultural universalizante.

O que converge aqui neste trabalho a inserção desse tema é a respectiva retomada do que Aníbal Quijano examina como Colonialidade do ser, referenciando agora a Colonialidade do gênero, ideia composta pela autora Rita Segato (2012). Sua crítica é basilar no contexto do entendimento do sujeito moderno em relação as mulheres nativas americanas, que realizavam trabalhos comuns aos dos homens e tinham participação na vida política de sua nação. Contido em investigações chicanas, dentro da comunidade pré colombiana: “A descendência matrilinear caracterizou os Toltecas e talvez a sociedade Asteca primitiva. Mulheres possuíam propriedades e eram curadoras bem como sacerdotisas (ANZALDÚA, 1987, p. 33, tradução nossa).

Para o branco, isso indicava que elas não eram do mesmo modelo de gênero das mulheres brancas domesticadas, se formavam, portanto, incógnitas entre suas ações que transitavam pelo ideário do masculino e feminino. Logo, isso as distanciava cada vez mais, e em maior medida que os homens nativos, da humanidade. Essa convicção tem importância que culminaria na desumanização dupla da mulher nativa, e mais tarde, negra e mestiça: a desumanização pela raça e a desumanização pelo gênero. Federici conclui que:

[...] o simbolismo recorrente nos trabalhos de alquimia sugere uma obsessão por reverter ou, talvez inclusive, deter a hegemonia feminina sobre o processo de criação biológica [...] este domínio desejado é também representado em imagens como a de Zeus parindo a Atena pela sua cabeça [...] ou Adão parindo a Eva em seu peito. O alquimista que exemplifica a luta pelo controle do mundo natural busca nada menos que a magia da maternidade (ALLEN; HUBBS, 1980 p. 213 apud FEDERICI, 2017 p. 367).

A ideia de colonização dupla encontra novamente várias superfícies para ser explorada e coloniza o imaginário dos homens até os dias de hoje. Sua importância advém da noção de

que o colonizador poderia aniquilar metade do inimigo - oponente, que eram formadas pelas indígenas mulheres. Pois ao deslegitimá-las como seres humanos era possível desvincular a própria cosmologia indígena dos povos originários, visto que eram as mulheres na maioria das vezes as guardiãs da cultura ancorada na natureza. Um exemplo dessa influencia pode ser visto na literatura investigativa sobre os astecas onde investigação demonstra: “a deusa da lua, Malinalxoch, que usou seu poder sobrenatural sobre os animais para controlar a tribo em vez de fazer guerra”¹¹ (ANZALDÚA, 1987, p. 32, tradução nossa).

A ideia de raça inferior é retomada por Aníbal Quijano (2005, p.129) neste ponto: Dessa perspectiva eurocêntrica, certas raças são condenadas como “inferiores” por não serem sujeitos “racionais”. São objetos de estudo, “corpo” em consequência, mais próximos da “natureza”. E ainda que: ‘Em certo sentido, isto os converte em domináveis e exploráveis’ (2005, p.129). O que é exigido do ameríndio produto da colonização é uma espécie de deslocamento muito além do material, é retirar-se de toda sua produção mental, imaginada desde o nascimento, elaboradora de sentimentos e razões próprias, fecundas de uma imensa realidade alienígena ao colono.

2.3.3 O BOM SELVAGEM: UM NATIVO *DOPPELGÄNGER*

O mito do personagem modelo gerado pela obra do filósofo da Idade Moderna Jean-Jacques Rousseau, “o bom selvagem” povoou o pensamento da época principalmente dentro da antropologia. Mais tarde, mesclado com as Teorias Raciais, serviu para engendrar os nativos dentro de uma figura que pode e deve ser melhorada através da tentativa de assemelhá-lo ao padrão branco europeizado, numa mímica de Tarzan.

De acordo com o investigado neste trabalho que fareja construções de verdade e desmitificação de raças, será levado em consideração uma concepção que desafia a ideia da pureza cultural, amparado na concordância de Homi Bhabha (1998). Robert Young também assume posição favorável a pureza como mais um mito, e um produto muito destrutivo, contudo, o local da cultura se intensifica no debate porque são introduzidas críticas a um conceito largamente utilizado pelo primeiro: o hibridismo. O terceiro espaço ou imaginário espacial do enunciado é definido por sua necessidade.

O imaginário da distância espacial - viver de algum modo além da fronteira de nossos tempos – da relevo a diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória da contemporaneidade cultural. O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou vínculo com o passado e o futuro, não mais uma

¹¹ “[...]the moon goddess Malinalxoch, who used her supernatural power over animals to control the tribe instead of waging war.” (ANZALDÚA, 1987, p. 32)

presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas discontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. (BHABHA, 1998, p. 23)

Para Young (2005) o hibridismo como postula Bhabha, encontra complicações já que é um termo que define relações carregadas, durante o período de colonização, de mitos da teoria racial. A hibridização para Young, remete a própria ideia do escambo, e por essa impregnação seria passível de crítica como significante, isso acentuado na perspectiva de que os mestiços/crioulos/mulatos jamais seriam entendidos como europeus, por mais que se esbranquiçassem. Por isso, o mestiço estaria ainda preso sob a tutela dos colonos, de forma que se retem comum à uma espécie de raça “*bastardizada*” de seu dominante. A hibridização como mera troca entre poderoso e vulnerável deve ser cautelosa, com sorte seu conceito é mais profundo, e tão complexo quanto desafio de inscrevê-lo num emaranhado de palavras únicas. Para Homi Bhabha como descreveria Tomas Ybarra-Frausto:

a utilização de recursos disponíveis para o sincretismo, a justaposição e a integração. *Rasquachismo* e uma sensibilidade sintonizada com as misturas e a confluência... um deleite na textura e superfícies sensuais... a manipulação consciente de materiais ou iconografia ... a combinação de material já existente e veia satírica ... a manipulação de artefatos *rasquache*, código e sensibilidades de ambos os lados da fronteira (Apud BHABHA, 1998, p. 27).

Entretanto, como definiria Bhabha (1998) a ideia de hibridismo cultural ainda nos serve aqui para a análise do próprio mestiço, visto que se desdobra sobre a criação do terceiro espaço da enunciação. Dentro do capítulo primeiro deste trabalho, ancorado primordialmente na teoria da linguística, foi possível perceber o processo de significado e significante, como objetos diferentes, mas ambos operadores de discursos/ dispositivos de poder. O chamado terceiro espaço onde vivem os hibridismos podem ser observados na colonialidade e no próprio processo de colonização, ocorrendo quando o influente incorpora novas ideias à concepção do dominado, mas em revés, o dominado também transfere coisas novas para o dominador.

o trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético ela renova o passado, reconfigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atualização do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27).

Dentro da ideia de hibridismo e mestiçagem, a autora Gloria Anzaldúa (1987) faz o resgate seguido por outras autoras, como Sandra Cisneros (1992), de suas antepassadas, figuras que parecem convergir numa mesma malha de mitos latinos como La Malinche/ La Chingada,¹²

¹² A pesquisadora acerca da tradução Marina Waquil (2020), registra que Malinche teria nascido uma princesa, muito próxima de seu pai, era a primeira herdeira na linha de sucessão, contudo, com malogro da morte do rei, sua mãe se casa e dá à luz a um filho cujo desejo é governar. A partir daí, Marina é vendida como escrava para mercadores astecas em tenra idade, lá é novamente presenteada com menos de 13 anos ao conquistador Hernán Cortés como escrava sexual. Waquil especifica em sua pesquisa, que a situação é redefinida por Malinche

escrava que se torna tradutora do conquistador Hernán Cortés, Cihuacoatl a mulher cobra asteca, ou La Llorona, que segundo a lenda assombra o Rio Grande. Todas são mulheres representantes da América e seus filhos mestiços, a quem assassina, são, portanto, culpadas pelo sôfrego dos mestiços atuais, os quais assombram. É transmitido uma versão de “Eva” que traz o malogro para a humanidade pintada sobre a entidade da mulher indígena, e que se espalha adentro da colonialidade latina.

A relação histórica molda o sujeito e é por isso sua precisão tão adjunta para qualquer mudança na práxis. Aqui repousa um exemplo de como a reconstrução de fatos reais e transferência de mitos apegados a cultura chicana, comunicam um valor cristão de diminuição e culpabilização da mulher. No próprio catolicismo as categorias “puta/santa” são invocadas a todo instante, mas para a mulher da fronteira, o reforço religioso exhibe fantasmagoria e vem duplamente e ela parece ser travestida de “puta” e temORIZADA ao mesmo tempo, uma figura demasiadamente profana para ser santa, no entanto, muito maternal para ser profanada.

Mas mais do que um resgate feminista decolonial, a ideia dessa figura culpabilizada pelas desgraças do continente também traz, através do terceiro espaço da enunciação, o lugar de fronteira, este por sua vez como ninho do escape da colonialidade. Alicia Gaspar de Alba realoca tal figura fronteiriça onde as nações se cruzam e a história emudece: “A mulher gritando ao longo da margem desarrumada do Rio Grande não se arrepende. Ela está procurando vingança.” “Por séculos ela foi culpada” (ALBA, 1989, 1 apud DOYLE, 2013 p. 58). É interessante notar como o mito perpassado de boca a boca decepou partes da história, através do poder da linguagem e, não por acaso, parecem estas escolhidas a mão para compor a fortificação do dominante, destruindo seus oponentes em divisões sexuais e desumanização.

A diferença colonial como sendo a elucidação de culturas em patamares decisivos para diferenciar seres humanos civilizados e bestializados, é contemplada pela esquizofrenia do local de enunciação do hibridismo. Este pode ser reconhecido na análise do poema de Anzaldúa “*My Black Angelus*” (1987), já que este conta a história de uma entidade que se mescla ao escritor, assim como ocorre no hibridismo cultural de Bhabha (1998), ou nos filhos de nativos e brancos durante a colonização, ou na construção do imaginário do povo latino-americano que procuram romper com a episteme etnocêntrica. Jacqueline Doyle desenvolve:

Em “*My Black Angelos*”, Anzaldúa explora os terrenos perdidos de suas antepassadas Cihuacoatl e la Llorona, assumindo o poder e as trevas do espírito que choraminga

quando ela trabalha como tradutora em conjunto com o interprete do maia Jerónimo de Aguillar, este, não entendia a língua dos mexicanos náhuatl, além desse idioma Marina conhecia o maia que aprendera com seus amos. Dotada de incrível inteligência e capacidade de aprendizado La Chingada logo apreende o espanhol de Cortés que dispensa Aguillar. Ela se torna a tradutor oficial do conquistador, e com ele tem um filho mestiço.

baixinho à sua porta e cujo "grito estilhaça a noite". O anjo negro do poeta "vira a trilha contra o vento" ela, sentindo "medo" e o "fedor de carniça", seu parentesco escuro. Primeiro "coloca palavras" na cabeça da poetisa e, em seguida, rasteja até sua espinha, "brilhando sob minha pele no escuro / girando meus ossos rodopiando / até que sejam juncos ocos ", a musa cruza o limiar de sua "porta", apaga os limites entre eu e o outro e, finalmente, entre os vivos e mortos: "Nós varremos as ruas / *con el viento corremos* / nós vagamos com as almas dos mortos." (DOYLE, 2013, p.59).

Discursos de verdade são carregados através das palavras e aparelhados através de símbolos e mitos expostos no cotidiano social como teatro, música, literatura e o audiovisual. Variadas questões surgem contornadas pelo poema, uma delas é o poder da representação, nesse caso, a fim de demonstrar o lócus fraturado da mulher latinoamericana que é sujeito no imaginário local e animal no imaginário colonial, e, sua relação com os mitos populares chicanos, que cruzam a mente da poeta mestiça até que a alegoria faça parte literal do interior de seu corpo já atravessado pelo duplo pertencimento.

Mais ainda, a ideia no poema se condensa na elevação do indivíduo mestiço (subproduto de duas raças) à exposição cultural (outro ramo da política de poder), através da lenda da Llorona calcificada num rearranjo da representação da mulher nativa-traidora no imaginário social de toda a cultura latina. Há, portanto, uma sobreposição de um corpo híbrido, da poetisa, numa cultura híbrida, atravessado ainda, pelo sexo feminino.

A tendência das coisas motoras da confiabilidade e legitimidade da história ocidental universalista serem tendenciosas é demonstração da forma de agir poderosamente sobre o aquele que tem menos dominância ou vontade de poder. Criar, enfeitar e revestir sua realidade com um regime é, portanto artifício de quem tem antes mesmo de ser um sujeito dotado de discurso, poder. A linguagem que molda e é moldada, como um metal em brasa, percorre o imaginário mais íntimo de todos os sujeitos, e também perambula e se concretiza em produções culturais que compõe poderosos discursos provocadores de guerras e ninam crianças iletradas.

Resta a esse trabalho então, relacionar a invenção do colonizador das categorias genéricas que servem para dizimar multiplicidades com o método da tradução. Ou seja, entender como a linguagem e sua respectiva tradução para uma língua de uma cultura dominante atuam no epistemicídio moderno, com o auxílio incisivo de Ella Shohat e Robert Stam (2006, p. 281), que aponta a necessidade basilar que o colonizador tem de que o colonizado fale o seu idioma para só a partir daí entendê-lo como ser humano. A depender de uma única versão, a história se finca na realidade criada e alimentada pelos valores eurocêntricos e padroniza comportamentos que darão vazão a próxima versão da realidade social. Seria imprudentemente inocente se dispor sobre um fenômeno fundador de tão grande concepção como o próprio ocidentalismo, com o olhar viciado do colonizador.

3 O PAPEL DA LINGUAGEM NAS RELAÇÕES DE PODER: UMA ANÁLISE DO FILME “A CHEGADA”

No conhecimento produzido a partir da matriz europeia deve-se separar para poder entender, cartesianamente, o que se reflete também na formação social e, por conseguinte, política. Essa pesquisa examina o papel das relações de poder no contato entre povos distintos. Para tal, emprega como ferramenta de apoio à análise a obra audiovisual “A Chegada”, de Denis Villeneuve (2016), que é baseada no conto “História da sua vida” (1999) de Ted Chiang. O filme surge como interpretação da colonização e aborda a linguagem como ferramenta de saber-poder na lógica do modelo colonial. A obra selecionada chama a atenção pelas escolhas improváveis para heroísmo: a linguagem, uma mulher e um cenário de invasão alienígena. À vista disso, será investigado, como é encenado essa mistura de improbabilidades num filme que se propõe a mostrar um desenho do funcionamento das relações do sistema mundo, diante da ameaça de extinção da raça humana.

A obra é um convite às possibilidades de um mundo cooperativo, que explora relações de poder entre as ciências (humanas e naturais), com abertura para a relacionar o mito da mulher que trai o seu povo a favor do invasor (imagem transmitida em histórias como La Llorona e Pocahontas) como explicitado no capítulo 2°. Finalmente, perpassando as disposições colocadas por Ella Shohat e Robert Stam (2006), procurar o papel crucial que a linguagem tem dentro das relações de poder e, retomar, embasando-se nas concepções expostas no capítulo 1° desta monografia, como a tradução é determinante nessa operação.

Além de percorrer os percalços da linguagem e seu poder de construção de realidades, quantas histórias podem ser percebidas no filme? Existe uma primeira narrativa, tradicional de um regime universal, composta de início, meio e fim, a qual o espectador consegue relacionar. No entanto, o desembaraçar da segunda narrativa só é alcançado mediante o contato com a cultura alienígena, contudo, as duas acontecem entrelaçadas e o contato não demora a acontecer explorando lados diferentes de uma mesma moeda. O foco ainda varia entre a estratégia mundial de comunicação internacional com o que os extraterrestres oferecem: um jogo de soma não zero.

Além disso, a película sobrepõe o colonizador do mundo real ora no papel de invasor ora no papel de dominado, consumando a dualidade do processo encenado, aportando-se em

autores como Robert Cox (2000), e Eduardo Viveiros de Castro (2016) e, para perceber especificamente a relação do ser e o tempo cultural filosoficamente, Estevão Rezende (2002), apontados nos capítulos anteriores. Através do resgate de autores como Robert Young e a fronteira Gloria Anzaldúa, será também investigado a ideia de hibridismo cultural afim de perceber em um estudo de caso, suas sobreposições

3.1 O FILME SOB A ÓTICA ENCONTROS DE POVOS DISTINTOS E SUA TRANSPOSIÇÃO DA DUALIDADE

É objeto de avaliação dessa pesquisa a transversalidade usada no filme em forma de duas linguagens – duas linhas de tempo – como crítica a cultura cartesiana desprovida de ambiguidade, através das teorias críticas pós-coloniais. Filmes, em sua construção, tem o poder de dinamizar o espaço ou a espacialização do tempo, o que significa que, além dos sujeitos em tela se mexerem, o próprio espaço/narrativa em si se movimenta. Ademais, como sétima arte, é uma experiência relativamente nova em relação as outras, devido ao tipo de lente utilizada, o processo de assistir uma película é extremamente semelhante a sensação de ver com os próprios olhos algo pessoalmente.

Para tal análise, deve-se apreender o conceito de linguagem e a sua aplicabilidade como ferramenta de poder. A seguir será articulado em maior densidade a correlação do poder da colonialidade e seu reforço através da linguagem em si. A linguagem dotada da função de discurso não apreende o sentido literal da categoria, aqui entendemos discursos como a costura dessas ações e como foram hierarquizadas entre si, essa posição no cenário social, ou seja, função atribuída ao que foi dito naquele acontecimento e a naturalização dessa ação como efeito de verdade.

um discurso é investido historicamente de um teor verdadeiro, porque cumpre com uma funcionalidade específica, qual seja, produzir efeitos de poder estatuidando regras para o governo das pessoas, dividindo-as, examinando-as, adestrando-as, sujeitando-as (CANDIOTTO, 2006, p. 70).

Apesar de complexo se apreende que, portanto, o poder não precede necessariamente a linguagem, ambos existem enquanto se relacionam entre si e entre os outros diversos revestimentos do poder. Isto posto, é analisado que, além de coexistir, os dois se reforçam ao se reinventar em alguma aplicação material, por isso, a microfísica do poder investigada por Michael Foucault (1979), serve a este trabalho como perfeito encaixe metodológico.

É através da linguagem, tanto no filme como na nossa realidade concreta, que se estabelece grande parte do poder - quem consegue se comunicar vence, e o prêmio é moldar a narrativa. Portanto, o uso da obra surge como alternativa à ortodoxia academicista, que propõe

muitas vezes uma só perspectiva da verdade, baseada no imaginário branco e que utiliza uma só fonte sensorial para representar com validade, resultando num conhecimento limitado à escrita.

O filme “A Chegada” (2016) conta a história de uma invasão alienígena ao planeta Terra, mais especificamente sob a perspectiva de uma Doutora em Linguística, Louise. Mas o que dá corpo a filmagem é algo além do seu assunto, é a própria forma a qual foi feita o filme, imergindo seu telespectador dentro da linguagem heptapode (nome dado aos amigáveis extraterrestres). Sua narrativa repete, portanto, o que acontece em tela na vida de quem está assistindo.

Indagado de forma literal, o quão longe o homem pode erguer a mão para um acordo? Observando o cuidado ao transpor fronteiras ou não, e o significado geopolítico (COX, 2000) de espaço como modelador de culturas, e como se encaixam ou não quem se estende no meio das linhas fronteiriças. Nota-se que todas as Nações da película ficam reféns de um espaço marcado em 20 pés que separam o toque do OVNI do chão do planeta Terra, portanto, há o encargo dos humanos darem os últimos passos para chegar até os invasores em suas naves.

O roteiro é captado pelas lentes de um acampamento militar norte-americano, e explora a tensão que perpassa um mundo polarizado, desconfiado e vulnerável ao se ver face a face com a invasão de uma civilização mais tecnológica, isto é, uma ameaça talvez jamais experimentada pelos países mais poderosos do mundo. No entanto, esse tipo de desenho é familiar para grande parte dos países terceiro mundistas, o padrão de invasores de cor diferente, montados em naves estranhas é algo marcado na história dos países “descobertos” que sofreram com o sistema de colonização, e é importante destacar que algumas dessas nações chegaram a ser verdadeiramente extintas. Entretanto, diferente do que se espera desse gênero de filmes, a civilização visitante não é composta por figuras humanoides coloridas que desejam terror ou altruísmo, seu objetivo é cooperação, conceito clássico nas RI, traduzido na mensagem final do filme como “jogo de soma não zero”.

A problemática tratada nesse enredo conta conjuntamente com a interpretação filosófica da linguística e o enxerto cultural da tradução, temática trabalhada há anos no campo da hermenêutica. Em sua missão de descobrir qual o propósito dos invasores aqui, a Dra. Louise consegue mais do que se comunicar ou traduzir, ela adquire a habilidade de se integrar à realidade deles.

Figura 1: Script original do filme A Chegada. Narrativa de uma cena de contato entre Louise e os Heptapodes.¹³

A brilliant LOGOGRAM appears on the transparent wall before Louise. The writing is a gorgeous hybrid of calligraphy and line-art symbol. It lights up Louise's face as if it were written in phosphorescent ink.

It looks something like this:



The taller, slimmer alien steps forward and points at itself with one arm. It says something: Click-flutter-tone.

Louise smiles. Nearly laughs. Wants to cry. She just had her first real exchange with an alien.

Compilação do autor¹⁴

Figura 2: A Cena em questão; Louise (Amy Adams) emocionada ao conseguir obter resposta dos heptapodes



Compilação do autor.¹⁵

Os extraterrestres são criaturas fascinantemente diferentes pois, como mostrado pelo desenho no roteiro do filme na figura 2, se percebe através da sua linguagem escrita - uma ortografia não linear - que os mesmos não pensam linearmente, e, portanto, que sua realidade é descontínua, o que rompe completamente com o nosso regime linguístico-cultural. Em dado momento, a protagonista percebe que, ao entender o significado da língua alien, ela vive também de forma distinta dos humanos o tempo-espaço, isso porque a língua a transfere para

¹³ No roteiro está escrito:

Um logograma brilhante aparece na parede transparente em frente a Louise. A escrita é um gracioso híbrido de caligrafia e símbolos de arte linear. Ilumina a face de Louise como se tivesse sido escrito em tinta fosforescente.

Parece algo como isso: imagem

O mais alto, esguio alien dá alguns passos à frente e aponta para si mesmo com um de seus braços. Diz algo como: clique em tom de vibração

Louise sorri. Praticamente ri. Quer chorar.

Ela acabou de ter sua primeira troca real com um alienígena.

(ARRIVAL, 2016, tradução nossa).

¹⁴ A CHEGADA (ARRIVAL). Direção: Denis Villeneuve. Produção: FilmNation Entertainment e 21 Laps. Estados Unidos: Sony Pictures, 2016. Disponível em Netflix

¹⁵ A CHEGADA (ARRIVAL). Direção: Denis Villeneuve. Produção: FilmNation Entertainment e 21 Laps. Estados Unidos: Sony Pictures, 2016. Disponível em Netflix

outra cultura e a própria realidade material dela é modificada, transformando-a, por fim, numa fronteira pertencente a ambas as realidades.

Estevão Rezende (2002) entende que História é a expressão da cultura em uma dimensão temporal e ainda esmiuça seu significante em: “todo agir humano pressupõe uma interpretação das situações objetivas vividas (no passado - inclusive as trazidas pela a memória tradicional de outrem, e no presente) e uma vontade conformada mediante intenções metas, objetivos” (2002, p. 47). Por isso:

O tempo é experimentado e interpretado, e o agir humano é orientado no processo do tempo em função de sua projeção nas realizações futuras. Essa articulação entre o passado, presente e futuro, constante nas interpretações de todos os processos temporais, é decisiva para a definição de uma identidade, ou – na realidade empírica das identidades tradicionais (ou seja, trazidas pelo tempo para cada realidade concreta) aplica-se certamente também à realidade latino-americana e à sua formação sub-regional (REZENDE, 2002, p. 48).

É importante destacar na forma basilar do capítulo, questões de crédito a respeito da civilização, seus moldes e suas transformações, equiparadas por conceitos de reconstrução do “establishment” de Cox (2000) e Hofstede (2015). Para os autores da Teoria Crítica como Cox (2000), algo pensado no passado pode ser causa da produção material no presente. Códigos são transmitidos por gerações e geram uma identificação unitária nacional, dependendo do tipo de valor perpassado a hipervalorização de seu próprio grupo gera atrito e a mais sórdida violência contra o diferente, casos exemplificados da xenofobia ao redor do mundo globalizado. Em sua obra “O nativo relativo”, Eduardo Viveiros de Castro elucida sobre as relações sociais: “tais relações variam no espaço e no tempo; e se a cultura não existe fora de sua expressão relacional, então a variação relacional também é variação cultural, ou, dito de outro modo, ‘cultura’ é o nome que a antropologia dá à variação relacional” (2002, p. 120).

Na transformação de uma cultura Robert Cox pensa três tipos particulares de categorias passíveis de catalização da mudança: o conceito de espaço e tempo (lógicas que protegem o equilíbrio interno ou a necessidade de um novo *establishment*), a segunda sobre a dimensão do indivíduo e comunidade e a terceira como espírito e cosmologia. Uma reorientação de mudanças em qualquer uma dessas questões é responsável pela mudança de uma cultura.

Para Cox (2000) uma civilização que se baseia na “orientação pelo tempo é protegida pela continuidade de instituições como igrejas e Estados. É nutrida pela tradição literária e o diálogo intelectual.” O tempo é fator mantenedor de continuidade cultural e, arriscar isso é expresso como uma preocupação no planejamento e desenvolvimento. Já o espaço privilegia o sincrônico (o presente específico) acima do diacrônico (através do tempo), para Cox (2000, p.221): “administração, lógica militar e geopolítica são prementemente espaciais nas suas

formas de pensar”. Tem-se um “cuidado pela homeostase o equilíbrio interno”. É por isso que mudanças na orientação do tempo e espaço podem ser uma dica para investigação da mudança civilizacional.

O filme, narrado dentro de uma perspectiva dos Estados Unidos, cumpre o papel de identificar tais sintomas dentro de uma sociedade cultural estadunidense. A comunidade norte americana se afina na valorização do individual, característica cartesiana de binarismos exaltados no pensamento iluminista do homem branco. Para Cox “o individualismo é um produto da civilização europeia, atingindo seu ponto mais extremo de desenvolvimento na América” (2000, p. 221), portanto é razoável compreender que a herança colonizadora dos EUA se orienta pelo espaço, seguindo estratégias militares, o conceito sincrônico de mercado e um nacionalismo focado no passado americano comum e um futuro brilhante forjado pelos próprios. Contido nessa ideia de relatividade:

Não é por acaso que a dominação política esteia-se em elementos históricos, em particular na simbologia das origens e da continuidade, para pretender a legitimidade. A legitimidade é a aptidão estrutural do sistema político a receber adesão, supondo-se que os mecanismos de sua justificação encontrem base (real ou forjada) na memória histórica da coletividade (pelo menos da coletividade dominante) (ESTEVÃO, 2002, p. 50-1).

Há de se notar que, como para Robert Cox (2000) o individualismo como produto da civilização Europeia não fica restrito à parte estatal, ela faz parte de uma metodologia que reconhece ou deslegitima entidades, ignorando habitualmente coletividades inteiras. Isso faz parte do endossamento de uma civilização universalista, aparando suas arestas, mesmo que estas sejam outras nações inteiras. O autor evidencia os meios de propagação do universalismo: “A dominância Americana na escola e na mídia definiu a identidade de subordinação das civilizações no que o Edward Said chama de orientalismo” (2000, p. 223). Por isso individualismo universalizado como valor de uma só humanidade é fruto da colonização e do imperialismo:

A transformação da tradição euroamericana dentro da negociação de civilização privilegia espaço acima do tempo. A ideia de Fim da História vem daí: a noção de que com a globalização total a última sociedade humana foi atingida e nada mais é possível exceto mais do mesmo. A orientação espacial é implícita no conceito de mercado sincrônico. O absolutismo do monoteísmo é rendado dentro de uma economia universalista que cria teorias relacionadas com social - o que os franceses chamam de *la pensée unique*. O individualismo e a competitividade são as básicas as funções relacionadas a conduta humana; e sociedade, cujo a verdadeira existência é discutível, é apenas o produto deles, uma ilusão criada pela mão invisível (COX, 2000, p. 225).

Analisando como demonstrado no filme, a própria linguagem não utiliza premissa linear de tempo, tanto da forma de narrar e elencar suas cenas quanto na realidade dos heptapodes. Denotando o favorecimento, por parte dos norte-americanos, à orientação espacial, notada pela forte presença militar que tenta evitar uma quebra do establishment atual.

Ao se apreender uma abstração o cérebro registra uma representação, que não tem incorporação necessária no objeto fonte e sim no aspecto substantivo de noção do sujeito que registra. Para Rezende (2011) a informação relativa a experiência tem lugar, hora e individualidade, mas essa noção prescinde uma outra apreendida antes. Segundo o autor, a percepção ou lacuna de um processo histórico define mais tarde o que é chamado de macroestrutura como a própria produção epistemológica. É exatamente por isso que o objeto tempo/espaço é basilar para compreender a dominação cultural produzida pelo sequestro da linguagem. No mais, o filme faz um ótimo trabalho conduzindo o espectador para fatos materiais e para a construção desse fato de forma anacrônica, pois assim espelha exatamente a mesma proporção crítica da história inevitável narrada pelo acontecimento.

A camada explorada de tempo e espaço dentro das RI, é observada com amparo no filme. Sobre cooperação se busca análise em dado momento, em que jovens soldados amedrontados e confrontados pela sociedade fora do acampamento – mídia escandalosa e família preocupada – diante da passividade de seus superiores ao lidar com os forasteiros aliens, decidem por conta própria atacá-los. Ocasionalmente um grave ferimento em um dos extraterrestres, seu companheiro de viagem destaca que ele “está no processo de morte”, já que, o tempo não é linear para eles.

Numa análise de previsibilidade de cultura, como a que faz Hofstede (2015), algo assim é esperado, no filme os extraterrestres bem como suas naves, também são figuras estranhas ao olho humano. Segundo o autor, o futuro é desconhecido e a forma como lidamos com essa incerteza é capaz de justificar o molde do comportamento de uma civilização inteira. Portanto, entender a cultura do extraterreno completamente alheio à do nativo é tarefa complexa que não pode ficar distante da revisão epistemológica dentro das RI. Ou seja, a reflexão dessa hipótese é necessária para que se identifique como a colonização ainda respira nos dias de hoje e tem força motriz encontrada em detalhes contínuos como a forma de se fazer tradução.

3.2 TRADUÇÃO E DUALIDADE: A PRODUÇÃO DO TERCEIRO ESPAÇO

Como identificado no primeiro capítulo desta monografia, retornando ao aspecto linguístico, é entendido que as palavras são inertes e transpõem os sujeitos para dotá-las de sentido e significado. O sentido, diferente do significado, é composto por mais do que normas, pois é construído baseado na experiência de vida vivida e nas condições de percepção que se dispõem em volta do sujeito, ou seja, na sorte de sua própria existência (VYGOTSKY, 1934 apud BARROS; PAULA; PASCUAL; COLAÇO; XIMENES, 2009). O tempo muitas vezes é

fator pleno do modo de pensar de uma civilização, diferentes culturas pensam o tempo de diferentes formas. Segundo Robert Cox (2000, p. 127), ideias e condições materiais andam juntas. É possível, então, traçar um atravessamento da forma como um indivíduo vive e como ele pensa.

Citando São Tomás de Aquino: “nihil est intellectu quod prius non fuerit in sensu (nada está no intelecto que não tenha passado pelo sentido)”, sentido este de gnoseologia, percepção sensorial que registra o que mais tarde vai servir para elaborar um pensamento crítico, técnico, um valor orientador, e códigos que vão ser transmitidos pela cultura e comunidade adiante.

Essa interação é também sobreposta no filme de maneira mais intensa, descrita por teorias da linguística. A teoria central é uma forma grossa da hipótese Sapir-Whorf, baseada no trabalho de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, que examinam (1929): “Os seres humanos... estão muito à mercê da linguagem particular que se tornou o meio de expressão para sua sociedade... O fato é que o 'mundo real' é em grande parte construído inconscientemente sobre os hábitos de linguagem de o grupo”¹⁶. Pode-se estabelecer um paralelo com o que propõe Wittgenstein, autor cuja bibliografia compôs o primeiro capítulo desta monografia, mais amadurecido, em seu segundo trabalho, ele acredita que a linguagem é maior que o que podemos transmitir. Numa alusão ele explica:

Nossa linguagem pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas; e isto tudo cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes (WITTGENSTEIN, 1999, p.32).

Isso vai de encontro também com os mencionados autores Peter Berger e Thomas Luckmann, que elucidam: “[...] a linguagem é capaz de transcender completamente a realidade da vida cotidiana. Pode referir-se a experiências pertencentes a áreas limitadas de significação e, abarcar esferas da realidade separadas” (1993, p. 60). Quando submetido a uma espécie de imersão cultural ou linguística, o ser humano se adita como receptáculo, numa facilidade semelhante à de que trocamos as lentes de um par de óculos, escutamos músicas em idiomas mesclados, ou escolhemos ver um audiovisual dublado ou legendado. A voz que atua implacável, quebrando a estática nos ouvidos do receptor e as camadas que tomam forma de desenho, não são à toa componentes das sete artes. Para além da literatura, a linguagem escrita e falada tem poderio compassível da forma como imaginamos atuar a magia.

¹⁶ *Human beings... are very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression for their society... The fact of the matter is that the 'real world' is to a large extent unconsciously built up on the language habits of the group.*” (SAPIR; WHORF, 1929,)

No entanto, destroçada pelo mundo, a cultura pode ser elã para pessoas pertencentes, geralmente cria-se uma fantasiosa ideia de que a sua própria cultura é superior às demais. Para entender o que tem de moção na cultura com o poder linguístico, é preciso elencar que a língua tem uma lógica, essa baseia-se em realidades materiais, portanto são diferentes as interpretações lógicas em diferentes culturas expostas a diferentes realidades. Geertez traduz essa ideia ao exprimir que “o que o homem é pode estar tão envolvido com onde ele está, quem ele é e no que ele acredita, que é inseparável deles” (GEERTEZ, 2008, p.26). A problemática se desenvolve porque como Roque Laraia explica:

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo. (LARAIA, 2001, p. 45).

Ainda abarcando que o poder se entrelaça às culturas as quais toca, especificamente o poder que domina o mundo ocidental atual, é notado que há a tentativa deste de se estender a todo o resto, através da ordenação da sua compreensão acerca de assuntos de matérias particulares de povos específicos. Em Berger e Luckmann: “A distribuição social do conhecimento começa assim como simples fato de não conhecer tudo que é conhecido por meus semelhantes, e vice-versa, e culmina em sistemas de perícia extraordinariamente complexos e esotéricos” (2003, p. 68).

A autora Ella Shohat (2011) destaca que “língua é com certeza um sinal de civilização. Língua é certamente um signo com o qual diversas comunidades transferem suas identidades”. Também mais intensa é a realidade comunicativa dos alienígenas, que obriga grandes nações do mundo, atuantes na colonização, a fazerem o exercício de se adaptar a uma cultura estrangeira para sobreviver.

A história que é contada através da linguagem pode ser forjada para além da verdade. Sobre a ação de tradução particularmente, pode, duplamente, serem dotadas de poderes em diferentes instâncias, já que o que se traduz pode ter a primeira fonte – original – perdida, e sobrar apenas uma versão secundária perpassada pelo olhar do tradutor para espelhar a verdade. O autor alemão Friedrich Schleiermacher (apud GONÇALVES, 2008, p. 49), em um trabalho “Sobre os diferentes métodos de tradução” de 1813, afirma que:

Por um lado, cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela. [...], mas, por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira.

O que parece ocorrer em diversas versões da colonialidade é a prisão de toda uma cultura e inventário social a uma versão conveniente, para Quijano (2005, p. 139): “é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos”. No contato entre povos distintos durante o período do descobrimento, aconteceu um processo ativo de tradução e assimilação de signos culturais, o qual foi, concomitantemente, veículo da transmissão forçada de valores eurocêntricos e da desvalorização da razão indígena.

Durante o processo de tradução nas colônias, houve um processo de roubo da identidade cultural ameríndia, mas o processo não se findou aí. eles não só roubaram como também preencheram o espaço de enunciação dos pensamentos com o novo imaginário, tido como o único verdadeiro. ou seja, todos os sistemas complexos que existiam dentro de determinada cultura indígena foram bruscamente assaltados e substituídos pela ideia civilizadora branca.

Até meados de 1820, os povos nativos ainda controlavam metade do globo, mas a partir de então foram desaparecendo devido aos massacres perpetrados pelos Estados europeus e seus aliados [...] ao contrário das guerras convencionais, essas eram essencialmente “etnocidas”: tinham como objetivo a destruição de um modo de vida, quando não o extermínio de populações inteiras. A explicação moral para tais políticas era em geral formulada com base no darwinismo social: a “sobrevivência do mais forte” e o “desenvolvimento” inevitável (SHOHAT; STAM, 2006, p. 66).

Observando que a racionalidade cartesiana ocidental se desdobrava sobre o refinamento da mente, esse padrão reduzia aqueles que não comungavam dos mesmos valores eurocêntricos, à brutalidade do corpo cru. Para Viveiros de Castro a tradução perpassada por um antropólogo pode conter epistemicídio justo porque:

O antropólogo tem usualmente uma vantagem epistemológica sobre o nativo. O discurso do primeiro não se acha situado no mesmo plano que o discurso do segundo: o sentido que o antropólogo estabelece depende do sentido nativo, mas é ele quem detém o sentido desse sentido — ele quem explica e interpreta, traduz e introduz, textualiza e contextualiza, justifica e significa esse sentido. (2002, p. 115).

Por que traduzir alguém que você quer exterminar? Nesse caso, parece ter acontecido uma tentativa de esterilização, através do processo da tradução, da cultura originária, evitando qualquer possibilidade de reprodução da mesma. a ideia é justamente a seleção do que exterminar - não necessariamente os corpos, mas as mentes - no cooptação concomitante dos corpos para servirem de trabalho escravo. ou seja, buscou-se colonizar a mente do indivíduo sem matá-lo, não por algum tipo de piedade, mas pelo interesse utilitário. Ainda assim, ideias são forças enormes, como afirma Estevão Rezende: “A circulação das ideias no espaço da cultura tem força, exerce um poder inegável no processo decisório” (2002, p. 35), por isso, o racismo populoso no imaginário levou a cabo situações extremamente horrendas à história da humanidade:

Em 1937, um deputado australiano de origem inglesa, Dr. Cook, defendeu ardentemente a política intencional de fazer desaparecer a raça negra mediante a transferência sistemática das crianças aborígenes para famílias brancas. A ruptura entre as culturas contíguas no território australiano fez com que o processo de busca de uma nova compreensão, de uma possível identidade comum tenha começado apenas há alguns anos. (REZENDE, 2002, p. 54).

É possível a identificação do etnocídio em andamento dentro das estruturas legisladoras do poder nos novos Estados-nação, advindos do colonialismo. Ademais, o arrendamento da tradução, ferramenta que deveria proporcionar equivalência no encontro entre diferentes povos, massificou diversas culturas em uma só, inferindo na inércia da colonialidade. Segundo Gnerre “os grupos sociais que mantêm poucos contatos com a variedade padrão da língua que usam e produzem pouco material escrito, são mais difíceis de ser controlados, uma vez que pode faltar a eles um instrumento poderoso para determinar sua posição social relativa” (2009, p. 29-30). Algo que exemplifica essa ideia é o são as línguas oficiais hoje faladas na América, em sua maioria advindas do latim, e a extinção de mais de três mil dialetos indígenas. Neste sentido, explicita Piparo:

[...] As gramáticas normativas escritas tendem a abraçar todo um território nacional e todo o “volume linguístico” para criar um conformismo linguístico nacional unitário, que por outro lado coloca o “individualismo expressivo” num plano mais alto, porque cria um esqueleto mais forte e homogêneo para o organismo linguístico nacional, do qual cada indivíduo é o reflexo e o intérprete (1979 apud GNERRE, 2009, p. 32).

Ou seja, através da linguagem foi obtuso a perpetração de etnocídios e epistemicídios contra os povos dominados. Isso ocorre porque o dominador não quer que ressoe qualquer tipo de resíduo do dominado mesmo depois do fim da aculturação. ao pensar no modelo de colonialidade que abduzia a alma do sujeito dominado. Por isso a relação de poder traçada pela modelagem da língua é importante objeto de estudo, é objetivado que “O sincretismo é também linguístico. O inglês moderno, de origem germânica e latinas, é constantemente enriquecido por empréstimos de origem africana e indígena. Mas o sincretismo linguístico tem raízes em estruturas de poder.” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 83) Dessa forma, compreende-se que a própria perspectiva da linguística e da tradução, mais especificamente no fenômeno do hibridismo, funcionam como ferramentas da dominação dinâmica.

3.2.1 UMA SOBREPOSIÇÃO: DO QUE O HOMEM BRANCO TEM MEDO?

O colonialismo e o neocolonialismo, como estudados no capítulo segundo desta monografia, arrematam constantemente o uso de um regime universal, presente desde a ciência até as instituições, impetrando que tudo deveria ser lapidado segundo o cerne eurocentrista. Ademais, o colonialismo da atualidade veta também a digestão do próprio etos colonial, sufocando o povo dominado e sua potência criativa autônoma com regimes de verdade. Torna-se habitual, por isso, o colonizador ignorar ou não reter outras percepções de fenômenos que

outrora já foram carimbados por eles como verdade absoluta. Com a chegada de um novo colonizador implacável, como seres superdesenvolvidos de outros planetas, o antigo colono percebe que o modo de pensar universal humano anglo-estadunidense não é absoluto. O que “A Chegada” (2016) demonstra é que o conceito de civilização não é estanque a menos que se acredite que um é sempre superior ao outro.

Como comentado por Viveiros de Castro (2016) o termo mais comum para a tradução de “branco” é “inimigo”. A ideia do branco é composta como uma sinfonia estridente e esvoaçada que rompe com tudo que toca e tenta falar mais alto que qualquer bicho, o branco é, nesta história o retrato fiel do europeu, e de mais tarde o estadunidense, que tem a fortuna de se separar previamente do Novo Mundo - América. Como explicita Quijano: “os dominantes chamaram a si mesmos de brancos” (2005, p. 118). O branco, nesse caso, é o homem disposto de valores europeizados iluministas, aquele que se põe como inimigo, se necessário for, para ser universal. É ele estabelecido como espelho do melhor da humanidade na colonialidade.

Neste trabalho temos a inversão das antonímias indígena/alienígena, pois na obra cinematográfica tratada, os alienígenas são uma representação que transfere o revanchismo de uma civilização indígena, ao assumir o papel (alienígena) do diferente, incompreendido e mal julgado pelos colonizadores. Ao mesmo tempo em que na nossa realidade os colonos é quem são as nações “alienígenas” para os indígenas, nascidos na terra invadida. No filme, países desenvolvidos aparecem frágeis, transcendendo o papel deles mesmos numa inversão de relação de poder, ou seja, são agora colocados como impotentes diante de uma civilização ímpar, e ficam reféns de uma ferramenta (linguagem) outrora de domínio desses para construção de narrativas de poder.

Desmembrando a analogia sugerida na sobreposição dos atores centrais do filme, os extraterrestres e a raça humana, na condição representativa do que foi a colonização e suas relações tecidas entre nativos e colonizadores europeus, se procura evidenciar dois raciocínios: o primeiro na locação do colonizador como extraterreno, ou seja, aquele que não pertence àquela terra. No segundo raciocínio, pelo contrário, o travestimento de alienígena é sobreposto sobre o nativo, compreendendo suas peculiaridades diante do olhar hegemônico europeu que ainda domina o imaginário da atualidade. A escolha do filme como ferramenta de análise da produção de poder pela linguagem, vem também pelo duplo pertencimento elencado, porque ao mesmo tempo em que os extraterrestres podem representar aqueles que não pertencem ao território - a máxima antinomia de indígena/nativo -, remetendo à figura do colonizador, eles

podem também ser colocados na posição equivalente à de nativo/colonizado na revisão da invenção da América.

A escolha da primeira representação advém da tentativa de resposta a indagação: que personagem teria capacidade de amedrontar o dominante colonizador? O homem branco acredita estar na linha de chegada da evolução humana, para Quijano o raciocínio feito é o de que: “Os povos colonizados eram raças inferiores e – portanto – anteriores aos europeus” (2005, p. 122), por isso é complexo buscar algum tipo de personagem que represente uma posição de dominância sobre ele.

Temos de avaliar a nostalgia imperial, bem como o ódio e o ressentimento que o imperialismo desperta nos dominados, e devemos tentar examinar de forma abrangente e cuidadosa a cultura que alimentou o sentimento, a lógica e sobretudo a imaginação imperialista. (SAID, 2011, p.36).

Ademais, a colonização desenhada no filme é aplicada sobre um estado dominante, os Estados Unidos da América, pode ainda, se explorar a relação de se ter em cena uma invasão alienígena, uma interpretação das nações sobre a civilização mais avançada tanto como uma entidade supranacional reguladora de Estados – os forçando a cooperar, quanto como uma sociedade mais desenvolvida que veio para colonizar as inferiores. Para simular a noção de dominação dessa espécie tão poderosamente hegemônica foi preciso elencar seres que não pertencem ao nosso mundo, que é o caso de extraterrestres, dessa forma a ficção científica pôde invocar com mais facilidade a sublocação do homem branco.

Essa espécie de mudança social da mente é muito mais fácil de sentir do que de documentar, não apenas porque suas manifestações são variadas e indiretas, mas também porque são hesitantes, marcadas por incertezas e contradições. Para cada crença, prática, ideal ou instituição condenada como atrasada, sempre surge uma, às vezes a mesma e pelas mesmas pessoas, que é considerada como a própria essência da contemporaneidade; para cada um atacado como estrangeiro, um, às vezes o mesmo, é ovacionado como a sagrada expressão da própria alma nacional (GEERTEZ, 2012, p 140).

As impressões culturais de uma língua pressupõem que se deve compreender a cultura para fazer sentido linguístico qualquer tradução ou comunicação verdadeira. Exemplo da palavra saudade, que existe em outras expressões, de outras línguas, apenas em um sentido contido, porque nenhuma consegue corresponder diretamente ao seu significado. Para Estevão Rezende (2002, p. 47), “o fundamento da cultura está no fato de que o homem precisa agir para poder sobreviver”. Dependendo, portanto, da experiência de vida vivida provando novamente que o ponto da materialidade histórica é a própria construção da realidade. Para ele:

A consciência a diferença, necessariamente decorrente da contemplação do outro, pode derivar para a assimilação, para o contraste, para a rejeição [...]A narrativa de si para si é um procedimento mental corrente, inclusive no dia-a-dia dos indivíduos, com base no qual se reúne, por assim dizer, a “matéria-prima” do acervo cultural em que se situa o homem (REZENDE, 2002, p. 57).

No filme, uma alegoria também é utilizada pela Dra. Louise para convencer seus superiores que uma tradução forçosa não consegue apreender seus significados reais e que isso pode ser danoso para ambos. O exemplo se trata da história, que depois a doutora admite ser fictícia, mas serve bem para demonstrar seu ponto:

Em 1770, o navio do capitão James Cook encalhou na costa da Austrália e ele guiou um grupo terra adentro, onde conheceram o povo aborígine. Um marinheiro apontou para os animais que saltavam e guardavam os filhotes na sua bolsa. Ele perguntou o que eram e os aborígenes disseram: canguru. [...] foi só mais tarde que descobriram que canguru significava "eu não entendo"(ARRIVAL, 2016, 40:15 min).

O exemplo relaciona muito bem como o projeto de uma tradução depende da vontade de entendimento, podendo ser construído sobre ideias do que o outro pensa baseadas em nada além da imaginação do tradutor. Para obter verdadeiro entendimento de uma cultura através de sua língua é preciso ter algum nível de cooperação. O que é explorado também em segundas camadas pelo filme, já que se tratam de 12 nações diferentes localizadas em nações diferentes, em certos momentos elas colaboram entre si formando uma unidade de raça humana, mas logo intrigas comprometem a interação e as nações agem solo.

Resistências existem por mais que se tente impedir ou encobrir com seu apagamento, o exemplo claro é o de reconstrução de religiões de matrizes africanas ou indígenas na América Latina. Durante a colonização, estes chegaram a literalmente esconder os seus Deuses atrás ou dentro do Santos católicos, com base nisso, os autores analisam que:

Para os africanos no Novo Mundo, o sincretismo era o modo de esconder suas próprias práticas religiosas sobre um disfarce eurocristão [...] as religiões indígenas e africanas das Américas desenvolveram uma cultura da camuflagem através da incorporação dos orixás africanos ou das divindades indígenas nas práticas cristãs transformando a repressão em uma afirmação da cultura africana na diáspora” (SHOHAT; STAM, 2006, p 84).

O “Teto da baleia” (1981), filme holandês, denota a completa situação contrária à do filme aqui analisado. Em sua história um antropólogo francês tenta por meses sem sucesso interpretar o que uma tribo conhecida como “a última da patagônia” fala. O resultado é impetrado na descoberta de que os indígenas mudavam seus nomes todos os meses e criavam uma nova língua diariamente atormenta o antropólogo que volta para a Europa. A autora Ella Shohat com Robert Stam comentam sobre o desfecho: “aqui a mera recusa do dialogo se torna uma forma de resistência: o fato de os indígenas se recusarem a permitir que os europeus decifrem seu código se torna uma arma dos mais fracos contra a hibridização não dialógica” (2006, p. 83). A tentativa é, portanto, impedir a tradução, enquanto em “A Chegada” (2016) se trata do escambo linguístico voluntário e como seu fruto, um hibridismo, no outro filme é uma resposta bruta contra a tentativa de colonização mental europeia.

3.3 DENTRE A RAÇA HUMANA, O SEXO MAIS FRÁGIL

Apesar de o hibridismo ter basilar a ideia de não pureza cultural, todas elas serem mescladas por serem produzidas no momento de troca de falas entre um interceptador e um falante, ou seja, uma construção de realidade, como elencam Berger e Luckmann (2003), em ação mutante a cada nova interação, a ideia contrária é a de que o hibridismo é perigoso por tender sempre ao dominante e sua respectiva cultura, isto é, barrar o hibridismo em algum caso confere luta.

O policentrismo é, portanto, recíproco e dialógico ver todo o ato de troca verbal ou cultural como algo que acontece entre indivíduos e comunidades permeáveis imutáveis ponto no interior da luta continua entre a hegemonia e resistência, cada ato de interlocução cultural modifica cada um dos interlocutores (SHOHAT; STAM, 2006, p.88)

O hibridismo apesar de complexo catalizador de análise cultural, para Bhabha (1998) possibilita a criação do espaço para a diferença, contrariamente a mera assimilação. E a prova irrefutável desse termo em verdade são os próprios filhos da América, tão diferentes que se ouve falar em teorias pós raciais na tentativa de catalogá-los. Assim como a ideia revisionista feita acerca do mito de Antígona por Grada Kilomba, Bhabha inspira ao dizer que:

O que é impressionante no "novo" internacionalismo é que o movimento do específico ao geral, do material ao metafórico, não é uma passagem suave de transição e transcendência. A "meia passagem" (*middle passage*) da cultura contemporânea, como no caso da própria escravidão, é um processo de deslocamento e disjunção que não totaliza a experiência. (BHABHA, 1998, p. 25).

Na chegada dos colonizadores, os indígenas comumente pensavam se tratar de não humanos, “Os australianos chamavam as roupas de "peles de fantasmas", pois não acreditavam que os ingleses fossem parte da humanidade [...] A chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como a quebra da ordem social ou sobrenatural” (LARAIA, 1932, p. 38). Exemplos dessa natureza servem muito bem a equiparação dos invasores com figuras não humanas.

Figura 3: Louise em sua primeira interação com os heptápodas segurando uma lousa com escritos. No seu quadro está escrito “humano”.



Fonte: Compilação do autor.¹⁷

O segundo aporte que interpreta os extraterrestres com similitudes descritivas comuns a algumas tribos pré colombianas vem como segunda narrativa univitelina à primeira, onde os aliens representavam o medo do homem branco de ser colonizado por uma espécie a frente dele na evolução. A sobreposição agora serve para analisar como o que é sutilmente diferente do nosso referencial de realidade pode complexificar a situação de forma tamanha que nossa compreensão simplesmente se limita a representação na fala, jamais obtém-se qualquer afinidade maior sem uma imersão cultural apropriada.

Muito mais do que uma cor, “branco” é um conceito político não cromático ou racial ainda que não seja uma escolha arbitrária e sua tradução mais comum seja “inimigo” (CASTRO, 2016). Assim como no filme, que utiliza da vida vivida dos extraterrestres para ensaiar a realidade, pode-se utilizar conceitos indígenas sobre espaço e tempo realizando uma nova leitura da tradução histórica. Para Viveiros de Castro (2016) o homem branco se relaciona com o Estado de modo que sua vista é sempre para algo superior, o sujeito é súdito esperando ordens. O indígena, em contraposição, tem uma relação próxima com a Terra e por isso olha para baixo, nasce para fazer vida, num lugar específico: sua terra.

O antônimo de nativo é classificado gramaticalmente como: extraterrestre. A ameaça preza pela comunidade de sociedades individualistas. Como visto anteriormente em Cox (2000), o sistema de capital global, que, implica na globalização, pretende uniformizar as diferentes identidades, e qualquer mudança no lócus do pensamento pode ser sinônimo de dificuldade para manter o *establishment* como o é. No filme, com o rompimento deste ponto, o interesse se volta para a esquizofrenia, retirando do dominado sua naturalidade mental, seus acervos categóricos da mente, sua compreensão cosmológica inteira, provocados por uma colonização da mente.

Figura 4: Dra. Louise Banks (Amy Adams) e o Dr. Ian Donnelly (Jeremy Renner)

¹⁷ A CHEGADA (ARRIVAL). Direção: Denis Villeneuve. Produção: FilmNation Entertainment e 21 Laps. Estados Unidos: Sony Pictures, 2016. Disponível em Netflix



Fonte: Compilação do autor.¹⁸

A imagem mostra a Dra. Louise, em posição de fronteira, entre os alienígenas e sua linguagem escrita em logograma e seu colega Dr. Ian, vestido com traje de proteção, mais afastado dos extraterrestres. Robert Cox (2000, p. 217) argumentando que existe um senso comum, diferente para pessoas diferentes em tempos e lugares diferentes, moldado pela resposta prática coletiva das pessoas as suas condições materiais de existência. O autor explica que é comum que “a manifestação do dia a dia de civilização não é um sentimento de pertencimento.

É assim de forma quase inconsciente garantida em senso comum que se expressa uma ideia compartilhada da realidade. A confiança estabelecida por Louise mostra o tipo de vínculo criado entre a doutora e os Heptapodes, mostrando, diferente dos outros humanos na sala, sua completa doação e vulnerabilidade em forma de disposição para aprender. Ao compreender a transposição do sujeito, seu pensamento e o produto deste como possível fonte histórica de sentidos dentro de uma narração, garante-se sua tecnicidade sobre eventos outrora contados sob perspectivas contaminadas pela articulação de poder de regimes de verdade eurocêntricos (REZENDE, 2018).

Ademais, como a noção que orienta o imaginário de determinadas culturas é catalisada por mudanças sobre o tempo ou espaço ocupados por tal civilização, observa-se que: a não previsibilidade do futuro diminui a probabilidade de o indivíduo desenvolver desejo por conhecer o que lhe é estranho, não igual, ou seja: o outro.

No âmbito do discurso colonial a *tópos* do resgate ocupa um lugar estratégico em relação a batalha da representação. O imaginário ocidental não apenas vê metaforicamente a terra colonizada como a mulher que deve ser resgatada de sua desordem mental e dá desordem do meio ambiente, nas priorizam narrativas de resgate, mas literais sobretudo de mulheres ocidentais e não-ocidentais - sobre domínio de árabes polígonos negros libidinosos e machos latinos (SHOHAT; STAM, 2006, p 236).

¹⁸ A CHEGADA (ARRIVAL). Direção: Denis Villeneuve. Produção: FilmNation Entertainment e 21 Laps. Estados Unidos: Sony Pictures, 2016. Disponível em Netflix

A religião assim como descrito por Silvia Federici (2004), muito tem a ver com o iluminismo. A forma da história não é retilínea, talvez brusca. Essas figuras são simbólicas sobre a política da própria mestiçagem. A latinidade como a expressão de uma face mestiça a própria igreja católica, com fervorosos fiéis. Mostra a materialidade histórica em uma forma claríssima de discurso europeu. As conversões religiosas são em quase toda a historicidade acompanhadas por estupro, torturas e mortes, no caso das Américas tutorado por padres. Para Cox (2000), o espírito dotado pela ideia de vocação universal civilizatória comanda um alongamento em uma civilização uniforme a qualquer custo humanitário.

A conversão de fiéis para o catolicismo não consegue apagar a resistência dos povos originários, mas dentro do terceiro espaço foi fértil o surgimento de efígies como explicitam Shohat e Stam “Em todas as Américas encontramos figuras históricas e literárias especialmente femininas Pocahontas, vírgula, Paraguaçu, Iracema, Guadalupe e se tornaram foco de intenso debate e luta simbólica sobre a política de mestiçagem” (2006, p.82). A produção dessa figura é fator chave para a compreensão do hibridismo mestiço em sua maior essência. Sobre isso:

Nos EUA, a história de Pocahontas é oficialmente narrada como exemplo da nobre selvagem que se sacrificou para salvar seu objeto de amor (branco) da tribo bárbara a que ela mesmo pertencia, uma leitura que exclui a narrativa do estupro, da destruição cultural e do genocídio. Ainda assim, algumas “comunidades interpretativas” de índios interpretam a narrativa de Pocahontas não como a história de romance, mas um esforço de sobrevivência. Pocahontas aprende a cultura dos Ingleses para o servir de embaixadora para sua comunidade e, portanto, para salvá-la [...] a leitura que enfoca a estratégia de sobrevivência aponta para a história da colonização (SHOHAT; STAM, 2006, p. 82-3).

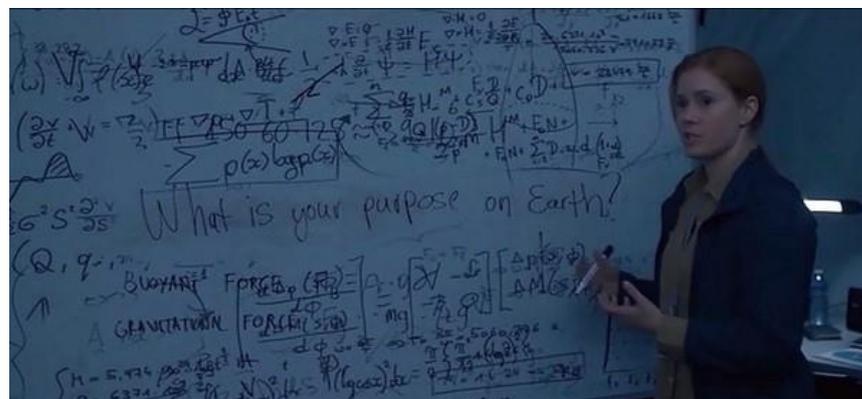
Mestiço não se trata da cor, mas da sublocação. Na resistência ou na dominância os mestiços irão aparecer pois, “[...]ler a miscigenação como uma simples escolha por parte do indígena implicitamente enfatiza uma versão triunfalista do processo de ocidentalização” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 83). O papel de resignar aquela outridade que os europeus demarcaram nos povos nativos e mestiços, condensado em uma pessoa, no caso a mulher. A morte dessa fonte viva da cosmologia indígena provoca a desorientação espacial dos nativos de forma mais intensa.

Como esclarece Estevão Rezende: “assim as chamadas tradições populares também são portadoras de “história identificadora”, com efeito de longa duração nas mentalidades, convicções e ações” (2002, p. 50). Isso vai se desdobrar na cultura tradicional e seus mitos vivos, a exemplo, a pesquisadora de tradução Marina Waquil (2020) apresenta a história de Marina/La Malinche/La Chingada figura histórica comparada por vezes com a própria América - mãe dos filhos bastardos, mestiços e criolos -.

Numa crônica¹⁹ de Inácio Manuel Altamirano (1988) há uma comparação de Malinche à Medeia (figura grega), nesse caso a indígena possuía o conhecimento dos segredos da língua e Medeia os segredos da magia. Assim como a lenda da Llorona, para Malinche e Medeia, apesar da relação de infanticídio, sobressai a ideia de traição. Ainda segundo as crônicas de Altamirano “Temos no México uma ideia, menos brilhante, menos exaltado pelos ingratos a quem serviu de instrumento, menos terrível do que a princesa Cólquida, porém não menos influente nos acontecimentos da Conquista” (1988, p. 154-55 apud MONTANDON, 2007, p. 149).

Logo no início da narrativa a Dra. e colocada diante de um Dr. em física, Ian, este não perde tempo em comentar o quanto sua ciência é superior e chega a fazer escárnio das ideias da Dra., é nesse encontro que se enuncia a frase que serviria como epígrafe do filme “linguagem é a primeira arma apontada em um conflito”. Para além desta cena, a profundidade das interações humanas e seus estudos é desenhada em parte importante do filme, que conta para além do diálogo, com um quadro explicativo de Louise:

Figura 5: Louise explicando ao lado de uma lousa a profundidade da enunciação “Qual seu propósito na Terra?”



Fonte: Compilação do autor.²⁰

Há de se notar que para abrir espaço para seu esquema explicativo da gramática básica, a protagonista apaga uma lousa rascunhada com dezenas de esquemas matemáticos, numa clara alusão a importância do registro correto da fala, como fundamento de uma relação. A cena se transcorre com o seguinte diálogo (ARRIVAL, 2016, 45:45 min):

¹⁹ Segundo Inácio, La Malinche: “adormeceu o dragão que guardava esse velocino Dourado, mais opulento que o da Cólquida e que enriqueceu a Espanha pelo espaço de 300 anos” (apud MONTADON, 2007, p. 145).

²⁰ A CHEGADA (ARRIVAL). Direção: Denis Villeneuve. Produção: FilmNation Entertainment e 21 Laps. Estados Unidos: Sony Pictures, 2016. Disponível em Netflix

Figura 6: Fragmento do script do filme *A Chegada* (2016)²¹

Louise goes to a larger whiteboard stationed nearby and writes the question "What is your purpose on Earth?"

LOUISE
Okay, so this is where we want to get. Right? This question.

COLONEL WEBER
More than anything.

LOUISE
To get there, we have to make sure they understand what a question is, and the nature of a request for information along with the response. Then there is clarifying the difference between a specific "you" from a collective "you." We don't want to know why Joe Alien is here, we want to know why all of them landed.

She writes frantically over the words in columns, marking relations with arrows. As she speaks, her voice gets louder and more confident. This is her area of expertise.

LOUISE (CONT'D)
Purpose requires an understanding of intent. Which means we have to find out if they make conscious choices or if their motivation is so instinctive they don't understand a "why" question, and biggest of all, we need to have enough of a vocabulary with them so we understand their answer.

Fonte: Compilação do autor

Demonstrando mais uma vez a densidade cabível dentro das palavras, e mais, o poder de uma tradução nas mãos de uma civilização culturalmente suspeitosa, cartesiana e fiel de verdades absolutas. O que essa cena transfigura é que em cinco palavras, tamanho seu poder, o destino da humanidade poderia ter sido completamente diferente. Como Gloria Anzaldúa (1987, p.78) comprime: "A ambivalência do traço de vozes resulta em problemas mentais e estados emocionais de perplexidade. Conflitos internacionais resultam em insegurança e indecisão".

Muitos dos conflitos da humanidade foram em defesa da universalidade, impondo uma verdade maior que outras. Forças capazes de deslocar o status quo, como Robert Cox (2000, p. 222)²² aplica, podem ser basilares na noção de rompimento com o cultural acostumado de

²¹ Louise vai até um quadro maior próximo a eles e escreve a questão "Qual seu propósito na Terra?"

Louise: ok é aqui que nós queremos chegar, certo? Essa questão

Coronel: mais do que qualquer coisa.

Louise: para chegar lá, nós precisamos ter certeza de que eles entendam o que uma pergunta é, e a natureza de um pedido de informação junto com da resposta. E então esclarecer a diferença entre um você específico e um você no coletivo. Nós não queremos saber por que um João Alien está aqui, nós queremos saber porque todos eles pousaram.

[...]

Propósito requer um entendimento da intenção. O que significa descobrir se eles fazem escolhas conscientes ou se sua motivação é tão instintiva que eles não entendem um "por que", e mais que tudo, nós precisamos ter vocabulário suficiente com eles para que possamos entender sua resposta.

(ARRIVAL, 2016, tradução nossa)

²² À exemplo: o monoteísmo se posiciona na verdade absoluta, isso é disposto dentro do princípio colonizador de que a natureza é subjugada ao homem, e ela deve servir para a satisfação dele assim como outras

tempo/espço, na noção de comunidade/individuo, ou na relação cosmológica que inclui aspectos religiosos.

O lugar de fronteira que a Dra. Louise ocupa é importante para resumir toda a odisseia desta pesquisa, fora de qualquer acaso. Ela aprende a língua dos alienígenas, que invade seu local de confessionário, no sentido foucaultiano, seus sonhos, o dia a dia dela consigo mesma, contudo, ela também conhece muito bem a linguagem dos seres humanos. A América também transportada na figura de uma tradutora traidora – Malinche, é exemplo fértil no campo da imaginação de analogia entre o filme, sua protagonista e o “descobrimento” das Américas. A autora chicana entende que para *frontiers*:

Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros tendo ou vivendo mais de uma cultura, nós obtemos mensagens múltiplas, muitas vezes opostas. A união de dois quadros de referência consistentes, mas habitualmente incompatíveis causa um choque, uma colisão cultural (ANZALDÚA, 1987, p. 78, tradução nossa).²³

No ápice do filme é remontado situação tal que Louise, para se comunicar com o Comandante Shang, que controla a decisão da China de atacar ou não os extraterrestres, é vista como traidora da pátria americana, com armas apontadas para ela é que se descobre o *plot twist* do filme, que a arma dada pelos alienígenas era a própria linguagem deles, portanto, era uma ferramenta, que como a nossa linguagem, pode ser afiada como arma, mas pode trazer, como Louise cumpriu, a paz entre as mais distintas nações.

A ambivalência do colonizador penetrado pelo desejo da cultura subordinada compele o hibridismo aos nativos, forçosamente, na América. Logo se obtém hoje, a *creolização* da linguagem num terceiro espaço, correspondente ao mestiço. Durante a virada de chave do filme *A Chegada* (2016), através do termo “jogo de soma não zero”, que é amplamente utilizado por teóricos debatedores da Teoria Realista, observa-se o mesmo como protagonista do clímax da experiência cinematográfica. O jogo de soma não zero pode ser entendido como uma situação em que todos saem ganhando (win win) relativamente, caracterizando uma relação de simbiose.

É, portanto, dentro do filme, na figura de uma fronteira que se desenrola o futuro da humanidade, um alerta que também acende os olhos de Anzaldúa (1987), onde o espaço entre indivíduos diminui com a intimidade, a justificar seu trabalho ela explica:

Viver nas fronteiras e nas margens., mantendo-se intacto a mudança e a identidade e integridade múltiplas de alguém, é como tentar nadar em um novo elemento, um

criaturas sublocadas (mulheres, mestiços, negros) na posição de Outro. Já o politeísmo conhece uma multiplicidade de verdades, portanto não é exclusivista, logo, quando se relaciona com deidades ou valores diferentes tem maior curiosidade e menor índice de violência. E no panteísmo, há a percepção da humanidade como parte igual a natureza, como a cosmologia indígena pregava.

²³ *Like all people, we perceive the version of reality that our culture communicates. Like others having or living in more than one culture, we get multiple, often opposing messages. The union of two consistent, but usually incompatible frames of reference causes a clash, a cultural collision* (ANZALDÚA, 1987, p. 78)

elemento "estranho", um elemento alien [...] E sim, o elemento "alien" tem de tornar-se familiar - nunca confortável, não com o clamor da sociedade para defender o velho, para se juntar ao rebanho, para seguir o rebanho. Não um confortável, mas em casa. (ANZALDÚA, 1987, Prefácio, tradução nossa).²⁴

Por fim, o filme analisado serviu completamente a seu propósito de viagem no tempo, de maneira diferente do que se espera. Ele é capaz, como toda arte, de retirar o véu dos olhos do sujeito e inspirá-lo em suas versões mais ocultas a rugir e ressoar em territórios inexplorados. É através do filme que se transmuta sujeitos de um passado tão distante nos dias de hoje e, se percebe que o tempo pode não ser parte fundamental para a extensão do poder. Ademais, retorna à potência de figuras inesperadas como protagonistas, e demonstra como são partes cruciais da nova forma de interpretar o mundo, que um dia há de dar certo.

²⁴ *Living on the borders and on the margins, keeping one's change and one's multiple identity and integrity intact is like trying to swim in a new element, a "strange" element, an alien element [...] And yes, the The "alien" element has to become familiar - never comfortable, not with society's clamor to defend the old, to join the herd, to follow the herd. Not a comfortable one, but at home.* (ANZALDÚA, 1987, Prefácio).

CONCLUSÃO

Investigamos que as ideias, abstrações e sistemas de crenças materializam-se em coisas, eventos, circunstâncias da sociedade e dão vida ao sentido. Haja vista um destaque para a relação entre o objeto e seu significado, entendendo que são regradados por abstrações, ou seja, o significado não é reflexo do objeto, mas sim das regras que o ser ou sujeito ou objeto ou discurso utiliza para inserir as palavras na vida e então estas sirvam para o objeto.

Dito isso, é entendido que o discurso histórico nocivo para a maioria da população mundial que resiste até hoje, resiste no que não é contado. Mais uma vez é chamada a atenção para o papel do campo da linguagem na moldura do poder vigente, a própria narrativa histórica se abala na investigação arqueológica da verdade.

Existe perigo residente na desvalorização da ciência humana e social e este, já dá amostragens de sua face feroz no mundo. Compreendendo que a ciência humana quando ignorada mostrou o risco de ascensão de fascismos, o protagonismo de uma mulher doutora em linguística, denota fatores interessantes dentro da narrativa do filme. Isso porque o problema no filme não é resolvido em equações matemáticas ou fórmulas químicas, apesar de ser um filme de ficção científica sobre viagem no tempo, tudo o que ele faz, o faz através da linguagem.

A figura de Louise é tentadora como fronteira não por acaso, Eric Heisserer (2016), roteirista da trama de *A Chegada*, relata que por mais de duas vezes o filme foi recusado por produtoras que insistiram no pedido de um homem no papel central.

Sobre o ser e a cultura, através da linguagem, convém interpelar, portanto, que a situação do hibridismo, como remonta os autores fronteiriços, pode ser uma situação de assimilação, onde o dominado, para além do dominador, obtenha alguma vantagem. Para Gloria Anzaldúa: “a partir dessa polinização da cruzada racial, ideológica, cultural e biológica, uma consciência "alien" está presente no criar - u ma nova consciência de mestiza "*una conciencia de mujer*". É uma consciência das Terras Fronteiriças” (1987, p. 77). Um poema sobre o assunto é dissertado:

Porque eu, uma mestiça, ando continuamente de uma cultura para outra, porque estou em todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre dois mundos .tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteada por todas las voces que me hablan simultaneamente (ANZALDÚA, 1987, p. 77, tradução nossa).²⁵

No filme ainda, a língua universal alienígena vem daquele que é de fora, transformando todos os diversos dialéticos da humanidade convergindo num só, da mesma forma se investigou

²⁵ *Una lucha de fronteras / A Struggle of Borders*: “Because I, a mestiza, continually walk all out of one culture and into another, because I am in all cultures at the same time, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteada por todas las voces que me hablan simultaneamente” (ANZALDÚA, 1987)

a sobreposição do colonizador sobre os indígenas - aquele que precisa falar a língua europeia para ser então duplamente negado por ela.

Por fim, assim como a linguagem é maior que o próprio mundo dos homens, a verdade não é única, e fatos podem estar estrangulados por acontecimentos faltosos. A realidade pode ser repensada e um ser ativo pode agir contrário ao direcionamento pré-estabelecido num rugido pelo direito de uma vida que te devolva a alma. O trabalho operou a função proposta de visitar autores, irmãos latinos, que prepararam terreno fértil para a formação de tantas novas e belas consciências mestiças. Autores como Aníbal Quijano, Gloria Anzaldúa e muitos outros, rearranjaram um futuro possível, que escape da esquizofrenia do lócus fraturado, e fez lugar de pertencimento em casa, nesse grande continente Abya Yala.

Com base nas considerações desses autores foi feito um resgate da *colonialidade do ser*, e da invenção da raça como meio de perpetrar estigmas de inferioridade em povos ameríndios. A *colonialidade do saber*, presente até os dias de hoje se deve ao malogro do capital mundial advindo da invenção, não tão pura, quanto os registros históricos tentam vender do Iluminismo europeu. Pode-se afirmar também, que a visita à Foucault e tantos outros teóricos que se arriscaram contra a estrutura, propuseram novas metodologias para se analisar a vida e o ser, especialmente, a construção de coisas vivas, materiais, pessoas, objetos por meio de discursos, foi frutífera. A linguagem como motriz reveladora de uma existência aparece como martelo que o homem empunha para fazer o bem ou o mal.

REFERÊNCIAS

A CHEGADA (ARRIVAL). Direção: Denis Villeneuve. Produção: FilmNation Entertainment e 21 Laps. Estados Unidos: Sony Pictures, 2016. Disponível em Netflix

ALBA, Alicia Gaspar de. "Malinchista, A Myth Revised," in Alicia Gaspar de Alba, Maria Herrera-Sobek, and Demetria Martinez, *Three Times a Woman: Chicana Poetry* (Tempe, Ariz.: Bilingual Review/Press, 1989)

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: Estudos Feministas, "**La consciência de la mestiza / Rumo a uma nova consciência**". 2005. In: Hollanda, Heloisa. *Pensamento Feminista Hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar: 2019

ANZALDÚA, Gloria, *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987)

ARRIVAL PREMIERE WITH WRITER TED CHIANG - [S. l s n] 2016. 1 vídeo (1:01:22 min) Disponível em The Qualcomm Institute <https://www.youtube.com/watch?v=XVnnaUVFrBk> Acesso em 11, novembro 2021

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

BARROS, J. P. P., PAULA, L. R. C. de, PASCUAL, J. G., COLAÇO, V. de F. R., XIMENES, V. M. **O conceito de "sentido" em Vygotsky**. Considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. 2009, FUNCAP.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. • Rev. Bras. Ciênc. Polít. (11) Ago 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Construção social da realidade*. tradução de Floriano de Souza Fernandes. Vozes 23ª Edição. Petrópolis. 2003

BHAMBRA, G.K. *Culture, identity and rights: Challenging*. University of Sussex. January 2006. DOI:10.4135/9781446213490.n3

BERTOLUCCI, Artur Cruz. A colonialidade do poder e a independência inconclusa da América Latina. In: Semana de Relações Internacionais (9: 2017: Uberlândia, MG) Anais [recurso eletrônico] / IX SARI – Semana de Relações Internacionais - UFU: cultura e identidade em Relações Internacionais, 30 de outubro a 01 de novembro de 2017 / Lara Martim Rodrigues Selis, Erwin Pádua Xavier (coord.) – Uberlândia: UFU, 2017. 333

BUTLER, J. O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: Uma histórica crítica da verdade. Trans/Form/Ação, São Paulo, 29(2): 65-78, 2006.

CANDIOTTO, Cesar. verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. KRITERION, Belo Horizonte, nº 115, Jun/2007, p. 203-217.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os Involuntários da Pátria**. Reprodução de Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro 20/04/2016. ARACÊ – Direitos Humanos em Revista | Ano 4 | Número 5 | fevereiro 2017

CISNEROS, Sandra. Woman hollering creek and other stories. New York. Vintage Books. 1992

CONCEITOS BASICOS DA TEORIA 2: EPISTEMOLOGIA - Estevão de Rezende Martins (Dir.: Renato Lopes Leite) [S. l s n] 2018. 1 vídeo (1:08:49 min) Disponível em Cinema e História-Ciência / Renato Lopes Leite. <https://www.youtube.com/watch?v=MJ9SGI9KTwc&t=196s> Acesso em 23, out de 2018

COX, Robert W. **Thinking about Civilizations.**² Review of International Studies, vol. 26, 2000, pp. 217–234.

CUTER, João Vergílio Gallerani. GRAMÁTICA E VERDADE NECESSÁRIA: Curitiba, São Carlos, vol. 6, n. 2, p.129-144, outubro, 2009 p 143 DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v6i2.14932>

DEPECKER, Loic. **Comprender Saussure a partir dos manuscritos**. Editora Vozes, 2011. GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Perpétua prisão órfica ou ênio tinha três corações: o relativismo linguístico o aspecto criativo da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Letras UFPR, 2008.

DOYLE, Jacqueline. Haunting the Borderlands: La Llorona in Sandra Cisneros's "Woman Hollering Creek". : *Frontiers: A Journal of Women Studies*, Vol. 16, No. 1 (1996), pp. 53-70.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford, 1926- A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GNERRE, Maurizio (1991). Linguagem, escrita e poder. 3ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.

HOFSTEDE, Geert. 10 minutes with Geert Hofstede on Uncertainty Avoidance 01032015. [S. l s n] 2015. 1 vídeo (15:27 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZF6LyGne7Q> . Acesso em 18, maio 2021.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: ‘O Que é Esclarecimento?’ (Tr.: Floriano de Souza Fernandes). Em: KANT, I. Textos Seletos. (org. Carneiro Leão, E.) Petrópolis: Vozes, 1974. [Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? 1784]

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019

LARAIA, Roque de Barros, 1932- 1.331c Cultura: uni conceito antropológico / Roque de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

LORDE, Audre. Irmã outsider; tradução Stephanie Borges. 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, Título original: Sister Outsider. ISBN 978-85. (Título original: Sister Outsider, 1º edição em 1984), 2020.

LUGONES, María. *Toward a Decolonial Feminism*. University of New York. Tradução Juliana Watson; Tatiana Nascimento. 2014

LUGONES, María. Entrevista a Mariana Ortega. In; DiPietro, Pedro J. & McWeeny, Jennifer (orgs.). *Speaking face to face. The Visionary Philosophy of María Lugones*. Suny Press. 2019

MALINCHE: DA HISTÓRIA AOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO (18.09.2020)
Palestrante: Profa. Dra. Marina Waquil; uspfllch [S. l.: s. n.], 1 vídeo (1:15:15 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qCg5VwjGnVw> Acesso em 21 nov 2021

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Relações Internacionais: Cultura e poder**. Brasília, FUNAG, IBRI, 2002

MIGNOLO, Walter (1998). "Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina", em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (coords.). *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel Porrúa.

MIGNOLO, Walter (2007). *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa.

MONTANDON, Rosa Maria. **La Llorona mito e poder no México**. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2007. Bibliografia p. 309-329.

NOAM CHOMSKY - O Conceito de Linguagem. Think About It Now!. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (27:43 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W53UvJoLAWI&t=1005s> Acesso em: 03 de novembro de 2021.

PERSONA. Direção de Ingmar Bergman. Suécia. Produção: Svensk Filmindustri Fotografia: Sven Nykvist, 1966. 1 DVD (85 min.).

QUENTAL, Pedro de Araujo. **A LATINIDADE DO CONCEITO DE AMÉRICA LATINA**. Universidade Federal Fluminense. 2012

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*, Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEGATO, Rita; Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 256, by Revista Estudos Feministas. 2005

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução (1813). Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). **Antologia Bilingue**. Clássicos da Teoria da Tradução. Volume I: Alemão-Português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SHOHAT, Ella. “Professor Shohat on Naturalization & Animalization”. *Produced for the Arab American National Museum's online exhibit, Reclaiming Identity: Dismantling Arab Stereotypes*. [S. l s n] 2011. 1 vídeo (3:51 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eGP5Fog22FU> Acesso em 18, maio de 2021.

SHOHAT, Ella, STAM Robert. **Crítica Da Imagem Eurocêntrica**. Editora Cosac & Naify, janeiro 2006.

SPIVAK, G. An Aesthetic education in the era of globalizatization. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 2012. pp. 316-334.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart. Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

YOUNG, Robert J. C. *Desejo colonial: Hibridismo em teoria, cultura e raça*. Tradução: Sérgio Medeiros (coord.), Dirce Waltrick do Amarante e Rafael Azize São Paulo: Perspectiva, 2005.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System* (Nova Iorque: Academic Press Inc.) Vol. I, II e III. 1974.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS*. Tradução: José Carlos Bruni Editora Nova Cultural Ltda. Copyright © desta edição 1999, Editora Nova Cultural Ltda. ISBN 85-13-00859



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
 Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
 Goiânia | Goiás | Brasil
 Fone: (62) 3946.1020 ou 1021 | 0
 www.pucgoias.edu.br | prograd@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

ANEXO I APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Giulia Prado Castro Cortez do Curso de Relações Internacionais matrícula 201720043003 telefone: 62981907677 e-mail giuliacastro@gmail.com na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A Abdução do indígena: uma investigação do filme "A Chegada" sob a perspectiva da colonialidade, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 16 de dezembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es): Giulia Prado Castro Cortez

Nome completo do(s) autor(es): Giulia Prado Castro Cortez

Assinatura do professor-orientador: Aline T. Berghini Leite

Nome completo do professor-orientador: Aline Tereza Berghini Leite